

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

THIANE CECONI

**A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO:
A DIFERENÇA ENTRE A MARCAÇÃO NO ENUNCIADO E NA ENUNCIÇÃO**

PORTO ALEGRE
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

THIANE CECONI

**A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO:
A DIFERENÇA ENTRE A MARCAÇÃO NO ENUNCIADO E NA ENUNCIÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em Letras –
Tradutor Português e Inglês – pelo curso de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

PORTO ALEGRE
2022

**A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO:
A DIFERENÇA ENTRE A MARCAÇÃO NO ENUNCIADO E NA ENUNCIÇÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em Letras –
Tradutor Português e Inglês – pelo curso de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em Porto Alegre, _____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Prof^a. Dr^a. Marcia Moura da Silva

Prof^a. Dr^a. Solange Mittmann

Me. Sara Luiza Hoff

AGRADECIMENTOS

À minha família, por acreditar no meu sonho lá em 2015 e me auxiliar na mudança a Porto Alegre. Vocês comemoraram e sofreram comigo, me dando todo apoio necessário durante esses anos. Obrigada por sempre me receberem de braços abertos e com um prato de polenta toda vez que eu fui pro interior. Sempre foi importante pra mim ter o abraço de vocês quando eu precisasse, e vocês sempre estiveram lá. Pai, mana, mano, sobrinhos, cunhados e família estendida: obrigada

À minha mãe, que mesmo estrelinha, se fez presente em todos os dias da minha vida, um exemplo de dedicação, empatia e de amor. Obrigada por ser.

Ao Valdir, por suscitar um incômodo tremendo nas aulas de semântica e, ao fim delas, pelo convite para a iniciação científica. Nesses quatro anos de orientação aprendi muito mais do que a teoria, mas a prática de ser um pesquisador e profissional de excelência. Obrigada pelo acompanhamento, por suscitar o incômodo e o questionamento.

Aos amigos, pela escuta ativa, pelo apoio durante os momentos de apreensão e, por fim, por sempre estarem lá. João, Alessandra, Manuela, Afonso e Sara: obrigada.

Ao Giovanni, por estar comigo nesses últimos cinco anos com um abraço apertado nos momentos de dúvida, por comemorar cada passo dado e por ser um exemplo de profissional. Obrigada também à família dele que me acolheu como se parte dela fosse e trouxeram mais alegria a esse período.

Aos supervisores e colegas de estágio, por serem exemplos e por me introduzirem ao mundo fora da academia. Obrigada pelos ensinamentos compartilhados, pela ética a ser espelhada e principalmente pela chance. Juliana, Clovis, Franciele, Matheus, Anie, Luiz, Victoria, Laura, Sheri e Michel: obrigada.

Aos colegas, que compartilharam a vivência da montanha-russa que é a graduação. Foi um prazer dividir RUs, eventos, a Textualiza, um café no Antônio e um eventual latão com vocês. Obrigada por florescerem comigo: Ana Laura, Esther e Hannah.

Aos professores, pelo exemplo que foram durante as aulas da graduação, pelos ensinamentos e pela acolhida. Marcia Moura, Solange, Maria José, Ana Fontes e a minha orientadora do TERMISUL Anna Maria Maciel Becker: obrigada por contribuírem tanto para minha formação como profissional do texto. Os ensinamentos de vocês estarão presentes em todos os dias da minha vida.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a casa que me proporcionou um ensino público, gratuito e de qualidade, tornando minha educação acadêmica exemplar, além de proporcionar a oportunidade de conhecer pessoas incríveis que contribuíram muito na minha formação como pessoa. Ao CNPq, pelo apoio financeiro para a realização de quatro anos de iniciação científica, contribuições que serviram de base e contexto para este trabalho.

All that you touch you Change.
All that you Change Changes you.
The only lasting truth is Change.
God Is Change.

Octavia Butler

RESUMO

Este trabalho propõe uma releitura do conceito de *invisibilidade e visibilidade do tradutor* (Venuti, 1995), à luz da teoria da enunciação (Benveniste, 1989 e 1995). A invisibilidade do tradutor é, de acordo com Venuti (1995, p. 1), “[...]efeito de uma estratégia de tradução fluente, do esforço do tradutor de garantir uma leitura fácil por meio da utilização de uso corrente da língua, manutenção de sintaxe contínua, fixação de um significado preciso”. O autor sugere que tradutores adotem estratégias estrangeirizadoras em seus textos para evitar uma autoaniquilação, a partir da utilização de recursos como arcaísmos, gírias, alusões literárias, fazendo com que o texto soe como uma tradução. Apresenta-se a crítica à teoria venutiana no nível nacional (Arrojo, 1992, 1996, 1997 e 1999), e no nível internacional (Pym, 1995 e 1996), buscando os contrapontos contextuais do mercado brasileiro de tradução, com pesquisas, entrevistas e paratextos, a fim de entender a recepção da obra de Venuti e inserir suas sugestões em nosso contexto. A partir da apresentação do quadro figurativo da enunciação estabelecido por Benveniste (cf. op. cit.), pode-se visualizar a posição interpretativa do tradutor-autor, que procura constituir novamente os sentidos do texto, mas em um lugar, tempo e língua diferentes do texto de partida (cf. Nunes, 2008). Venuti propõe uma marcação no enunciado para evitar que o significado do texto pareça transparente, o que ocasiona em um texto mais truncado e inacessível, mas a teoria enunciativa apresenta a enunciação como um local de marcação inevitável do tradutor, que é completamente visível quando cotejados o texto de partida junto ao original. A não percepção de sua marcação em um enunciado não significa que o tradutor está se autoaniquilando, e sim que está buscando o que é melhor para aquele alocutário naquele momento.

Palavras-chave: Teoria da enunciação. Tradução. Invisibilidade do tradutor.

ABSTRACT

This work proposes a re-reading of the concept of translator's invisibility and visibility (Venuti, 1995) in the light of the enunciation theory (Benveniste, 1989 and 1995). The invisibility of the translator is, according to Venuti (1995, p. 1), "[...] an effect of fluent discourse, of the translator's effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning". The author suggests translators adopt foreignizing strategies in their texts to avoid self-annihilation, using resources such as archaisms, slang and literary allusions, making the text sound like a translation. Venuti's critique is presented at the national level (Arrojo, 1992, 1996, 1997 e 1999), and at the international level (Pym, 1995 and 1996), seeking the contextual counterpoints of the Brazilian translation market, through researches, interviews and paratexts, in order to understand the reception of the work and insert his suggestions in our context. By taking advantage of enunciation's figurative framework established by Émile Benveniste (cf. op. cit.), it is possible to visualize the interpretive position of the translator-author, who seeks to constitute once again the meanings of the text, but in a different place, time and language from the source text (cf. Nunes, 2008). Venuti proposes translators mark themselves in the utterance to prevent the meaning of the text from appearing transparent, which leads to a more truncated and inaccessible text, but the enunciative theory presents the enunciation as an unavoidable place for the translator to leave its mark, such presence can be fully perceived when both source and target texts are analyzed. When a translator's mark in an utterance isn't perceived, it does not mean that the translator is self-annihilating, but that it is looking for what is best for that addressee at that moment.

Keywords: Enunciation theory. Translation. Translator's invisibility.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Número de novos títulos traduzidos

Gráfico 02 – Produção de novos títulos - nacionais e traduzidos

Gráfico 03 – Porcentagem de produção de novos títulos traduzidos

Gráfico 04 – Produção de novos exemplares traduzidos

Gráfico 05 – Porcentagem de produção de novos exemplares traduzidos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta do dispositivo de estudo do processo tradutório de Haizenreder (2013)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Local de publicação e formação dos autores das resenhas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR	16
1.1 A INVISIBILIDADE TRADUTÓRIA NO CONTEXTO ANGLÓFONO DE ACORDO COM LAWRENCE VENUTI.....	16
1.2 O TRADUTOR COMO MEDIADOR SEGUNDO ANTHONY PYM	20
1.3 O EMPODERAMENTO DO TRADUTOR PROPOSTO POR ROSEMARY ARROJO	22
1.4 A INVISIBILIDADE, A FUNÇÃO MEDIADORA DO TRADUTOR E A NECESSIDADE DO SEU EMPODERAMENTO	24
2 BENVENISTE E A TEORIA DA ENUNCIÇÃO	27
2.1 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO	27
2.2 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO E A TRADUÇÃO.....	29
3 A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NO CONTEXTO BRASILEIRO	33
3.1 O MERCADO EDITORIAL E COMERCIAL BRASILEIRO FRENTE AO TRADUTOR	33
3.2 A QUESTÃO DA FLUÊNCIA TEXTUAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	37
4 A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR À LUZ DA TEORIA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE	46
4.1 ENUNCIADO <i>VERSUS</i> ENUNCIÇÃO.....	46
4.2 O TRADUTOR VISÍVEL/INVISÍVEL NO ENUNCIADO OU NA ENUNCIÇÃO?...	48
CONCLUSÕES	511
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão busca promover uma reflexão sobre os conceitos de invisibilidade e visibilidade do tradutor (cf. Venuti, 1995) à luz da teoria da enunciação de Émile Benveniste (1995 e 2006). De acordo com Lawrence Venuti (1995), a [ilusão da] invisibilidade “é um efeito de uma estratégia de tradução fluente, do esforço do tradutor de garantir uma leitura fácil por meio da utilização de uso corrente da língua, manutenção de sintaxe contínua, fixação de um significado preciso¹” (VENUTI, 1995, p. 1)². O autor considera o discurso fluente um inimigo da visibilidade do tradutor, argumentando que o tradutor se torna mais invisível quando a tradução tem como objetivo a fluência, opinião controversa no cenário atual de tradução, mas que convida tradutores ao diálogo e reflexão sobre a própria práxis.

Tal trabalho encontra motivação no interesse em participar dessa discussão, presente nos Estudos da Tradução³ e em conversas entre tradutores, e ela traz à tona outros questionamentos como: o que é esperado que um tradutor faça quanto a sua possível invisibilidade? O que pode, ou não, torná-lo (in)visível? A (in)visibilidade é uma tomada de decisão consciente do tradutor?

Acreditamos ser importante refletir sobre a própria prática e posicionar-se em meio a questões que circulam pela comunidade tradutória, seja ela acadêmica ou não. A questão da posição do tradutor foi por nós discutida anteriormente, com base em paratextos tradutórios, em apresentação no Salão de Iniciação Científica da UFRGS (CECONI, 2019) e no artigo “O discurso prefacial de tradutores: um estudo enunciativo” (CECONI; FLORES, 2020). A abordagem da tradução per se, no entanto, deu-se com o estudo do prefácio da tradutora Emily Wilson da obra *Odisseia* de Homero para posterior apresentação no Salão de Iniciação Científica da UFRGS de 2021 (CECONI, 2021).

Nesse prefácio, a tradutora abre explicitamente um diálogo com o seu leitor, e deixa suas intenções para com a tradução devidamente estabelecidas. Ela menciona a palavra “leitor” dezenove vezes no texto e deixa que sua tradução seja influenciada por ele, em um processo

¹ No original: “The illusion of transparency is an effect of a fluent translation strategy, of the translator’s effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning”.

² Para uma melhor experiência de leitura, contrariamente à norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas, cito o texto com tradução de minha autoria no corpo do trabalho e apresento em nota de rodapé os textos na língua de partida.

³ Tomo Estudos da Tradução como o campo disciplinar que estuda de maneira aplicada ou pura o fenômeno tradutório, que engloba não apenas a tradução *stricto sensu*, estudada neste trabalho, mas também a autotradução, localização, tradução automática, tradução indireta, legendagem, tradução juramentada, entre outras modalidades.

verdadeiramente intersubjetivo, no qual o tradutor também demonstra expectativas e ambições quanto ao alocutário da tradução. A tradutora explica:

Um tradutor tem a responsabilidade de reconhecer sua própria agência e de lutar, de maneira explícita e consciente, não apenas com os múltiplos significados do original em sua própria cultura, mas também com o que seu próprio texto pode significar e o efeito que pode ter sobre seus leitores. (WILSON, 2017, p. 88)⁴

A preocupação da tradutora com o público-alvo trouxe à tona uma reflexão sobre a intervenção do tradutor e suas decisões, quando tem em mente o público-alvo do texto traduzido, fazendo com que as noções de invisibilidade, domesticação e equivalência fossem questionadas. Tal assunto foi explorado brevemente no XXXIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, realizado em agosto de 2021 (CECONI, 2021).

Outros trabalhos já se ocuparam da reflexão sobre a (in)visibilidade, em sua maioria nos Estudos da Tradução (STUPIELLO, 2000; VILLELA, 2001; DE FREITAS, 2003; PIUCCO, 2008; DE FREITAS, 2008; AMORIM, 2010; SATUDINGER, 2012; DE LIMA REYS; BRISOLARA, 2013; AMORIM; RODRIGUES; STUPIELLO, 2015; DOS SANTOS; ROMANELLI, 2016), na Análise do Discurso francesa, (BRITO, 2010; NETTO, 2008) e na Literatura Comparada (DE OLIVEIRA, 2007). Propomos fazer aqui uma discussão com base nos estudos enunciativos, em especial o de Émile Benveniste, o que pode configurar uma originalidade tanto para o campo enunciativo quanto para o campo dos Estudos da Tradução. Tal discussão estará interligada a outras noções já discutidas na área como a noção de *erro tradutório* (NUNES, 2012), *a posição do tradutor* no paratexto (FLORES; HOFF, 2018; PESSOA, 2009) e a abordagem enunciativa da tradução (NUNES, 2008).

O ponto de vista dos estudos enunciativos de Benveniste para tratar a questão da (in)visibilidade é interessante porque permite uma análise que toma o locutor (no caso, o tradutor) como ponto central, e possibilita considerar a intervenção singular de cada tradutor, o papel do “aqui-agora” no traduzir e a importância da definição de um público-alvo “tu” no projeto tradutório.

Assim, a discussão acaba tocando em outros assuntos que são bastante discutidos na tradução: por exemplo, as noções de fidelidade, de equivalência e domesticação. Isso indica,

⁴ No original: “A translator has a responsibility to acknowledge her own agency and to wrestle, in explicit and conscious ways, not only with the multiple meanings of the original in its own culture but also with what her own text may mean, and the effects it may have on its readers”.

certamente, que é extremamente difícil discorrer sobre qualquer assunto da área de tradução isoladamente.

A reflexão sobre a invisibilidade e visibilidade do tradutor que é feita aqui parte de seu teórico mais proeminente e ativo, Lawrence Venuti (1986 e 1995), e das críticas a ele dirigidas, principalmente a de Anthony Pym (1995 e 1996) e a de Rosemary Arrojo (1992, 1996, 1997 e 1999). Com base nessa discussão é que lemos a linguística enunciativa de Benveniste, para, por fim, defender uma leitura da (in)visibilidade do tradutor a partir de seus postulados.

Enfim, o presente trabalho tem o seguinte percurso: inicialmente (cf. capítulo 1), é apresentado o referencial teórico que o conduz. No caso, a visão acerca da (in)visibilidade do tradutor elaborada por Lawrence Venuti e as críticas de Anthony Pym e Rosemary Arrojo. Em seguida (cf. capítulo 2), é apresentada a teoria de linguagem de Émile Benveniste, com ênfase na versão que permite vislumbrar uma teoria da enunciação. Nesse momento, são feitas algumas considerações sobre a práxis tradutória à luz do referencial enunciativo benvenistiano. Na terceira parte (cf. capítulo 3), o contexto brasileiro no que tange o mercado editorial é levado em consideração para, na quarta parte (cf. capítulo 4), retomar-se os conceitos de enunciado e enunciação para assim revisar o ponto de vista da Venuti acerca da invisibilidade do tradutor por meio do viés enunciativo. Finalmente, são apresentadas as conclusões (cf. Conclusões).

1 A INVISIBILIDADE DO TRADUTOR

Neste capítulo, apresento os teóricos que conduzem a reflexão inicial deste trabalho: Lawrence Venuti (1986 e 1995), o precursor da discussão de invisibilidade, seguido da crítica de Anthony Pym (1995 e 1996) e de Rosemary Arrojo (1992, 1996, 1997 e 1999).

1.1 A INVISIBILIDADE TRADUTÓRIA NO CONTEXTO ANGLÓFONO DE ACORDO COM LAWRENCE VENUTI

Lawrence Venuti começa, a partir de um artigo⁵ publicado em 1986, uma reflexão – aprofundada posteriormente em formato de livro⁶, publicado em 1995 – sobre um tema que iniciou discussões em todo o mundo: *A invisibilidade do tradutor*. O autor define a invisibilidade a partir da proposição de dois fenômenos mutuamente determinados: “um é um efeito ilusionista do discurso, da própria manipulação da língua inglesa pelo tradutor; o outro é a prática da leitura e avaliação de traduções que prevalece no Reino Unido e nos Estados Unidos, entre outras culturas, tanto inglesas quanto estrangeiras⁷” (VENUTI, 1986, p. 1). O autor acredita que há uma expectativa nas editoras e na crítica tradutória que prende o tradutor à fluência textual, efeito que permite que um texto traduzido possa ser lido não como uma tradução, mas como o próprio original.

De acordo com o autor, esse tipo de política editorial faz com que as culturas norte-americana e britânica sejam imperialistas no exterior e xenofoba em casa, seja pela imposição de traduções fluentes e domesticadoras ou seja pelo número de traduções que esses mercados publicam anualmente: em 1995, menos de 3% das publicações nos EUA eram traduções e no Reino Unido, 1,4%. Em contraste, quase 10% das publicações na França eram traduções e na Itália 25,4% (ibidem, p. 12).

O autor toma como base de sua discussão a dicotomia de métodos tradutórios oriunda de Schleiermacher⁸, que propõe a tradução *estrangeirizadora* – que deixa o autor em paz e

⁵ The translator's invisibility. *Criticism*, v. 28, n. 2, p. 179-212, 1986.

⁶ *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London and New York: Routledge, 1995.

⁷ No original: “It refers to two mutually determining phenomena: one is an illusionistic effect of discourse, of the translator's own manipulation of English; the other is the practice of reading and evaluating translations that has long prevailed in the United Kingdom and the United States, among other cultures, both English and foreign-language”.

⁸ Friedrich Schleiermacher escreve em 1813 um importante texto para os Estudos da Tradução intitulado “Sobre os diferentes métodos de tradução”, ocasião na qual introduz dois modos de traduzir: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa em paz o leitor e leva o autor até ele. Venuti o toma como base para associar o primeiro modo com a sua noção de “estrangeirização” e o segundo com a “domesticação”.

move o leitor em direção a ele – e a tradução *domesticadora* – que deixa o leitor em paz e move o autor em direção a ele –, elegendo a primeira como sua preferida, por ter como objetivo, de acordo com Venuti, o refreamento da violência etnocêntrica da tradução. Schleiermacher propõe esse modelo visando resistir aos valores culturais dominantes na Alemanha no início do século XIX, e Venuti acredita que ainda é necessário resistir à dominância dos mercados norte-americano e britânico com fins de lutar contra o etnocentrismo, racismo, narcisismo cultural e imperialismo. Além disso, Venuti posiciona-se contra a tradução domesticadora por acreditar que “quanto mais fluente a tradução, mais invisível o tradutor e, presumidamente, mais visível o autor ou o significado do texto estrangeiro⁹” (ibidem, p. 1).

De acordo com ele (1995, p. 5), “uma tradução fluente é escrita no inglês atual (“moderno”) em vez de arcaico, no que é amplamente utilizado em vez do especializado (“jargonização”) e no que é padrão em vez de coloquial (“gíriês”)¹⁰” (ibidem, p. 4), sendo improvável que traduções sejam arcaizadas, porque é esperado, nos padrões atuais, um texto fluente e legível (VENUTI, 1986, p. 197). O autor indica também que a prática da tradução fluente é uma escolha do tradutor, e que, ao escolher essa estratégia, toma uma decisão ativa de tornar seu trabalho invisível, “[...] produzindo o efeito ilusório da transparência que simultaneamente mascara seu status ilusório: o texto traduzido parece “natural”, isto é, não uma tradução¹¹” (ibidem, p. 5). Venuti relaciona essa escolha com questões de autoria do texto de partida e de autoria do tradutor e afirma que o tradutor que torna seu texto fluente está se autoaniquilando e reforçando o status marginal do seu trabalho.

O autor ilustra sua tese tomando como exemplo algumas das tantas críticas de tradução publicadas em diversos periódicos norte-americanos e britânicos. Venuti considera que a maioria dessas críticas não se atém à tradução em si. No máximo, falam brevemente sobre o estilo tipográfico. Um dos exemplos de Venuti vem da seção “Livros” da revista *New Yorker* de 13 de abril de 1946, no qual Edmund Wilson resenha a última tradução de Stuart Gilbert:

A tradução de Stuart Gilbert parece ser um trabalho realmente esplêndido. Não é fácil, na tradução do francês, restituir as qualidades de acuidade e

⁹ No original: “The more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text”.

¹⁰ No original: “A fluent translation is written in English that is current (“modern”) instead of archaic, that is widely used instead of specialized (“jargonisation”), and that is standard instead of colloquial (“slangy”)”.

¹¹ No original: “[...] producing the illusory effect of transparency that simultaneously masks its status as an illusion: the translated text seems “natural,” i.e., not translated”.

vivacidade, mas a prosa do Sr. Gilbert é sempre natural, brilhante e fresca. (WILSON apud VENUTI, 1995, p. 2)¹²

Na crítica de Wilson, o qualificativo “esplêndido” se deve à “prosa natural” de Gilbert. Em outras palavras, se deve ao que considera um efeito da suposta invisibilidade do tradutor.

No texto de 1986, Venuti chega até a afirmar que não podemos esperar que críticos e leitores tenham proficiência em várias línguas para poder fazer análises mais profundas (1986, p. 197). Em *A invisibilidade do tradutor*, porém, o autor deixa essa reflexão de lado e apresenta excertos de críticas negativas de traduções, que as descrevem como “tradutorês”, “tradutês”. Explica Venuti ainda, que a visualização das críticas selecionadas permite entender quais características discursivas geram ou não geram fluência em traduções para a língua inglesa.

É importante destacar que Venuti (1995) localiza a concepção da invisibilidade do tradutor nos mercados americano e britânico, trazendo dados editoriais dos anos 90, e relata que poucas traduções são publicadas nesses mercados em relação a textos escritos em inglês, fazendo com que a sobrevivência financeira dos tradutores se torne um grande problema, agravado ainda mais “se ele [o tradutor] toma o tempo e esforço necessários para a produção de um texto aceitável e fica, deste modo, ainda mais limitado no número de traduções que pode aceitar em um determinado momento¹³” (1986, p. 180-181). Tal delimitação de local abre espaço para que pesquisas semelhantes sejam feitas em outros mercados, possibilitando recontextualizações de seus postulados¹⁴.

O autor reconhece que mudanças são inevitáveis durante o processo de tradução, por estarmos trabalhando com sistemas linguísticos diferentes, com diferentes convenções, histórias e conjecturas sociais. Venuti vê o significado como não sendo estático, mas escorregadio e contextual, composto de conexões externas e intertextuais. Seguindo essas convicções, Venuti propõe, ao fim do livro, uma tradução mais resistente à fluência, que soe estrangeira para o leitor, que tenha uma opacidade que evita que o ato de traduzir pareça ser uma janela transparente ao autor do texto de partida. De acordo com Venuti “é a opacidade - o uso da língua que resiste à leitura facilitada de acordo com padrões contemporâneos - que vai

¹² No original: “Stuart Gilbert’s translation seems an absolutely splendid job. It is not easy, in translating French, to render qualities of sharpness or vividness, but the prose of Mr. Gilbert is always natural, brilliant and crisp”.

¹³ No original: “[...] if he takes the considerable amount of time and effort necessary for the production of an acceptable translation and is therefore even more limited in the number of translations he can undertake at any one time.”

¹⁴ Pym (1996) cita que este movimento foi realizado no contexto do Brasil, na dissertação de Maria Helena Luchesi de Mello Machado (1997). Infelizmente não foi possível encontrar este trabalho em diretórios digitais.

tornar visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza exótica de um texto estrangeiro¹⁵” (p. 190). Para ele, um texto traduzido dessa forma será lido como uma tradução, em oposição aos textos traduzidos de forma fluente que são lidos como se fossem o original.

Como exemplo de tradução resistente, Venuti cita a tradução do poema *The Seafarer* (1957), de Ezra Pound, que tem como língua de partida o anglo-saxão e língua de chegada o inglês contemporâneo. Pound optou por arcaizar seu inglês, aproximando-o à métrica, à aliteração e à composição morfológica do anglo-saxão. Venuti, por sua vez, acredita que “a dificuldade para ler a tradução de Pound [...] coloca em primeiro plano seu trabalho de transformação, transformando o texto em *tertium datum* que resiste à assimilação, ainda que momentaneamente, a um sujeito coerente¹⁶” (p. 194). Ainda assim, o autor aponta críticas para a tradução de Pound, que removeu todas as referências católicas, o que Venuti nega ser um momento de expressão das convicções religiosas do tradutor, mas uma “emenda textual” que responde a um outro questionamento à época, levantado por estudiosos sobre a leitura religiosa de um texto (1986, p. 196).

Outra tradução citada por Venuti, mas como um exemplo de domesticação, é a versão inglesa do tradutor Robert Graves da coletânea de biografias intitulada *The Twelve Caesars* (1957), do autor latino Suetônio Tranquilo. Graves descreve suas estratégias e escolhas em um prefácio, a partir do qual podemos entender melhor suas intenções e contexto, e revela, entre outras alterações, que adicionou explicações quando as referências eram incompreensíveis para o leitor comum e que também trocou os nomes antigos das cidades pelos modernos quando fossem mais familiares. Venuti critica essa política de domesticação, argumentando que foi determinada pela cultura editorial anglo-americana, que objetiva o sucesso de vendas. De fato, isso aconteceu com o título e ele se tornou um clássico da editora Penguin. Venuti justifica o sucesso do livro “por fatores como o declínio no estudo de línguas clássicas entre leitores educados e a falta de outra tradução no mercado”¹⁷ (ibidem, p. 191).

No último capítulo de sua obra, intitulado *Apelo à ação*¹⁸, Venuti apresenta duas opções de estratégias gerais que o tradutor pode escolher: ele pode escolher ser submisso ou ser

¹⁵ No original: “it is that opacity - a use of language that resists easy reading according to contemporary standards - that will make visible the intervention of the translator, his confrontation with the alien nature of a foreign text.”

¹⁶ No original: “The difficulty of reading Pound’s translation [...] foregrounds his labor of transformation, making the text that *tertium datum* which resists assimilation, however momentarily, to a coherent subject (whether ‘author’ or ‘seafarer’).”

¹⁷ No original “[...] by factors like the decline in the study of classical languages among educated readers and the absence of another translation on the market”.

¹⁸ No original: “Call to action”.

resistente. Argumenta que a estratégia dominante de tradução nos mercados de língua inglesa foi a submissão, a domesticação fluente, e que ela só pode ser desafiada a partir do desenvolvimento de uma práxis mais autoconsciente e autocrítica. O autor sugere que um tradutor escolha um cânone na língua de partida e o traduza com um discurso marginalizado, como a partir da inclusão de arcaísmos, gírias e alusões literárias. Ele clama que tradutores tentem revisar o conceito de autoria, assim como as leis que a regem, e que escolham textos marginalizados para traduzir. Por fim, Venuti pede que resenhas de traduções sejam feitas de acordo com os critérios de acuidade que o próprio tradutor definiu e confere à academia o papel de iniciar essas mudanças a partir de pesquisas em tradução que sejam mais críticas e menos descritivas.

O trabalho de Lawrence Venuti foi inaugural no sentido de, por um lado, continuar a discussão sobre domesticação e estrangeirização iniciada por Schleiermacher, por outro lado, de politizar ainda mais essa discussão, adicionando dados do mercado editorial, além de trazer o foco da discussão para o sujeito tradutor, aquele que, a partir da tomada de decisões, lapida sua tradução e pode tomar decisões que afetam a classe inteira. O trabalho publicado em 1994 possui mais de dez mil citações no *Google Scholar* e a discussão está presente na maioria dos manuais de tradução publicados desde então. Dois de seus maiores críticos em nível internacional e nacional são Anthony Pym e Rosemary Arrojo, e suas contribuições serão descritas a seguir.

1.2 O TRADUTOR COMO MEDIADOR SEGUNDO ANTHONY PYM

O tradutor e teórico Anthony Pym publica, em 1995, um artigo criticando a teoria de estrangeirização de Schleiermacher, que ocupa um grande papel na teoria venutiana. Pym discorda, em um primeiro momento, da separação feita entre tradução e comunicação transcultural. Argumenta que é uma campanha contra a interculturalidade, contra o “entre mundos” que o tradutor integra, uma exclusão do “meio-termo” que ocupamos, de “ponte”, mas também uma posição que não-tradutores ocupam. O autor vê a mistura do doméstico e do estrangeiro como algo inevitável e necessário, e critica Schleiermacher pois “fala que o meio-termo é infeliz e insubstancial; já eu tento procurar seus princípios, suas virtudes e até suas alegrias”¹⁹ (PYM, 1995, p. 23).

¹⁹ No original: “He says middle grounds are unhappy and insubstantial; I try to find their principles, their virtues and even their joys”.

Na seção final do artigo, Pym discute a mais recente e proeminente leitura de Schleiermacher, a de Lawrence Venuti. Esclarece que sua leitura e a de Venuti diferem metodologicamente: Pym acredita que o trabalho do tradutor está mais diretamente condicionado por relações interculturais, já Venuti, seguindo uma linha de pensamento althusseriana, atribui Schleiermacher a uma classe social – a burguesia alemã – que desconsidera as relações políticas, geográficas e históricas que levam um tradutor ou teórico a tomar uma decisão. Para Pym, Venuti sugere um método de se traduzir que resulta em uma tradução mais difícil de ser lida, algo que diminuirá diretamente o impacto dessa tradução na cultura-alvo, e também que reproduz a exclusão das comunidades interculturais, assim como Schleiermacher o fez.

No ano seguinte à publicação do livro *A invisibilidade do tradutor*, Pym (1996) publica sua resenha da obra e admite ser fã do trabalho do norte-americano. Venuti conseguiu iniciar um debate muito produtivo sobre a política e a estética da tradução em língua inglesa de acordo com Pym, mas é necessário problematizar alguns pontos do livro. O primeiro ponto ao qual Pym responde é a tese venutiana dos tradutores dos mercados britânico e norte-americano obterem sucesso com traduções fluentes que automaticamente os invisibilizam frente ao leitor. Argumenta que tal fenômeno não poderia ser exclusivamente desses mercados pois, de acordo com Mello (1995) a imprensa brasileira também glorifica a fluência “tanto quanto as imprensas norte-americana e britânica citadas por Venuti”²⁰ (apud PYM, 1996, p. 5). Dessa forma, o “regime” de invisibilidade seria tão forte aqui quanto nos países anglófonos citados. No entanto, no Brasil, há grande volume de traduções, com uma cultura literária bastante heterogênea, o contrário do que Venuti argumenta. Ainda neste ponto, Pym acredita que Venuti conscientemente ignorou a quantidade de traduções publicadas quando relatou porcentagens de publicações: concorda que 2 e 4% são proporções baixas, mas, trazendo dados do *Index Translationum*, mais de 1.5 milhão de títulos foram traduzidos nos Estados Unidos e Reino Unido no período analisado por Venuti; França e Itália juntas totalizaram aproximadamente 1 milhão de títulos. Ainda que a porcentagem seja menor, os leitores de língua inglesa dispõem de um número maior de traduções para cotejo quando comparados com franceses ou italianos. Pym questiona quem estaria na pior situação nesse caso.

Outra questão levantada por Pym é a ausência de empirismo quantitativo em Venuti; o autor propõe o abandono à fluência, mas não cita exemplos de tradutores que utilizaram essa

²⁰ No original: “[...] she finds that the Brazilian press praises fluency just as much as the American and British press cited by Venuti”.

estratégia com sucesso, cita apenas traduções que não tiveram sucesso. O australiano também critica a generalização que Venuti propõe ao dizer que a estratégia da resistência ao traduzir é específica da cultura alemã.

Pym busca, externamente, uma tradução do próprio Venuti para entender como funciona a estratégia proposta pelo autor, mas, após cotejar uma delas, afirma que só foi capaz de perceber a intenção do tradutor (de fazer alusão a outros textos literários) após ler um paratexto, não durante a leitura da tradução em si. Fala que foi necessário ler a teoria sobre a tradução para entender o processo, o que dificulta ainda mais o entendimento da proposta de intervenção que Venuti sugere ao fim d'*A invisibilidade do tradutor*. Pym acredita que Venuti deseja liberar os tradutores de uma espécie de servitude, mas que o teórico faz isso a partir de uma visão acadêmica, sendo um leitor de textos difíceis, e, ainda que proponha isso com o objetivo de respeitar minorias e grupos reprimidos, o autor acaba por propor traduções elitizadas, academicistas, que ficam fora do alcance do “entendimento barato das massas”.

Pym termina sua resenha afirmando que ainda que não vá seguir as recomendações de Venuti, a importância do debate que o autor iniciou deve ser reconhecida. É possível perceber os motivos pelos quais Pym escolheu escrever dois trabalhos em crítica a Venuti: o australiano discorda dos binarismos estabelecidos ano após ano nas teorias da tradução pois desconsideram “o tradutor, ou o lugar do tradutor, como um terceiro termo viável”²¹ (1995, p. 03).

1.3 O EMPODERAMENTO DO TRADUTOR PROPOSTO POR ROSEMARY ARROJO

Na década de 90 a tradutora e teórica brasileira Rosemary Arrojo inicia seu trajeto frente à discussão da invisibilidade do tradutor. Partindo de uma abordagem que envolve a psicanálise, a autora questiona principalmente a sacralização do original e “[...] a expectativa de que seja não apenas invisível e inconspícuo, mas de que possa também colocar-se na pele, no lugar e no tempo do autor que traduz, sem deixar de ser ele mesmo e sem violentar a sintaxe e a fluidez de sua língua, de seu tempo e de sua cultura” (ARROJO, 1992, p. 58). Arrojo propõe uma reavaliação da tradução, concebida como uma sobrevida do texto, e acredita que essa leitura tem a consequência de abrir possibilidades para o reconhecimento da figura do tradutor “e de sua inescapável presença autoral no texto que produz a partir do ‘original’ (ibidem, p. 63). A autora responde à aceção venutiana de que o leitor lê o texto como se fosse o original clamando

²¹ No original: “Yet the basic binarism remains anyway, not just in the mode of thought but more importantly in the generalized refusal to consider the translator, or the place of the translator, as a viable third term.”

que seja aceita a presença de outro autor, para que se abram novas possibilidades dos tradutores deixarem de fingir neutralidade, ausência, inocência e fidelidade impossíveis, e acredita que deve partir dos tradutores essa conscientização, pois a partir dela poderão desenvolver intervenções linguísticas, políticas, culturais e sociais menos ingênuas e hipócritas (ARROJO, 1996, p. 64). Para a autora, durante a tradução, o tradutor precisa tomar o lugar do autor e se apossar do texto para que ele tenha a sobrevida que busca, sendo sua visibilidade inevitável devido à interpretação que circunscreve no texto, e a consequência dessa apropriação consciente por parte do tradutor será a diminuição das chances de ser ignorado, marginalizado e indignamente remunerado.

Após a publicação proeminente de Venuti, Arrojo afirmou que “o momento do tradutor” havia começado, devido aos estudos com foco no tradutor que começaram a ser produzidos. A autora reforça a necessidade de destacar ainda mais a inevitabilidade da posição interpretativa que o tradutor ocupa, o viés que inscreve na tradução, a negação da posição de inferioridade e a impossibilidade da transparência. Ao fim do trabalho de 1996, a autora propõe que a tradução seja investigada não nas possibilidades de neutralização das diferenças, mas que essas diferenças e assimetrias sejam o foco da atenção de tradutores e do público também, atentando para as diferenças entre línguas, povos e culturas e os diferentes posicionamentos dos tradutores na cultura em que sua tradução circula (ibidem, p. 64). Arrojo concorda com Venuti na questão da recepção da tradução, sobre os critérios de avaliação e o fato de os leitores apreciarem o trabalho do tradutor como dado, como o original. Afirma, em nota, concordar com os princípios gerais da teoria venutiana, mas discorda da estratégia de resistência, pois Venuti alega que o tradutor não intervém no texto quando produz um texto fluente, o que é impossível na opinião da autora, pois o tradutor sempre se circunscreve no seu trabalho. Arrojo acredita que mesmo que o tradutor escolha conscientemente entre a fluência ou a resistência, sua “intenção consciente” não será fixada no texto como estável, por não ser possível propor uma tradução “final”, um produto imodificável, dada a natureza volátil da língua e a impossibilidade de uma reconstituição, a partir da tradução, da totalidade de um texto (ARROJO, 1992).

Em seu mais recente trabalho sobre o assunto (2000), Arrojo analisa uma entrevista de Paulo Henrique Britto, célebre tradutor brasileiro. A autora destaca principalmente o relato do tradutor acerca da visibilidade, para o qual Britto respondera que busca “aparecer” apenas nas notas, entrevistas ou prefácios dos textos que traduz. Arrojo diz ser impossível que o tradutor apareça apenas em paratextos, pois:

As escolhas que necessariamente tem que fazer ao traduzir cada palavra do texto estrangeiro trarão o peso de sua reflexão, de sua experiência, da bagagem cultural e literária cada vez mais rica que vem acumulando, além de sua sensibilidade de intérprete, mesmo que conte com valiosos esclarecimentos do próprio autor do original. (ARROJO, 2000, p. 164)

Paulo Henriques Britto, reconhecido por “dar sotaque brasileiro” a vários autores estrangeiros, afirma que “o tradutor tem de ser humilde” e “o lugar de afirmação do tradutor é o prefácio, são as notas, as entrevistas”. Arrojo discorda; acredita que o tradutor é humilde quando reconhece a mortalidade e a finitude do seu trabalho e aceita o fato de que ao interpretar e reescrever um texto ele inscreve na tradução o seu “sotaque”, resultado da sua apropriação, mesmo que tenha como meta a recuperação integral do que supostamente foi dito pelo autor do texto de partida.

Ainda que não seja reconhecido pelo público como deveria, o tradutor que tem consciência da sua visibilidade precisa tomar decisões cuidadosamente, avaliando as consequências de cada uma delas. Britto chega a mencionar que se chega a ele um texto mal escrito, escreverá uma tradução da pior forma possível; Arrojo acredita que não é tão simples assim, e que tais questões que vertem o campo da ética demonstram ainda mais o poder do tradutor e sua interferência inegável no texto. A tomada de decisões do tradutor, quando feita de forma consciente e estudada, empodera o tradutor no sentido de libertá-lo do complexo de inferioridade que possui em relação ao texto original e retira a compulsão de se desculpar pelos “remendos”, “erros” e “alterações” feitas por ele. De acordo com a autora, a partir do empoderamento do tradutor, a tradução deixa de ser inocente e assim: “[...] traduzir deixa de ser uma atividade inútil ou invisível, que deve passar despercebida, e se assume como uma inevitável forma de conquista ou de tomada de poder, que necessariamente reescreve o passado e se apropria de outras culturas e linguagens” (ARROJO, 1992, p. 437).

1.4 A INVISIBILIDADE, A FUNÇÃO MEDIADORA DO TRADUTOR E A NECESSIDADE DO SEU EMPODERAMENTO

Venuti tem intenção nobre ao advogar pela causa do tradutor: deseja que a classe obtenha mais reconhecimento, melhores condições de trabalho, seja remunerada de acordo e seja incluída na crítica da obra, lado a lado, com o autor. As críticas de Pym e Arrojo começam no binarismo excludente estabelecido por Venuti no qual o tradutor só teria duas opções: ser submisso, produzir um texto fluente e que o apagaria, ou ser resistente, produzindo um texto mais truncado, mais difícil de ser lido. Ambos criticam o cunho excludente que essa tradução

virá a ter, e De Freitas (2008) complementa que é paradoxal essa escolha, porque não apenas o mercado editorial impõe a fluência e a inteligibilidade, mas ela também é uma expectativa do leitor, e adiciona que dificultar o acesso do leitor ao texto possivelmente implicará o desinteresse pelo material traduzido, não ocasionando no prestígio social que o tradutor busca (p. 103). É possível que o texto se torne acessível apenas para uma elite intelectual reduzida, excluindo o “entendimento barato das massas” de Pym, o que vai diretamente contra as intenções democráticas e inclusivas de Venuti.

Além da exclusão e frustração do público, a crítica discorda de Venuti quanto ao “poder” da estrangeirização. O autor sugere essa prática por acreditar que no texto fluente o tradutor não está deixando suas marcas, está se autoaniquilando. No entanto, é sabido que a interpretação de cada tradutor imprime no texto uma tradução única a cada vez e que sua identidade está materializada no texto. Além disso, de acordo com Hattnher (1994), outras marcas possíveis são as notas de rodapé²², que “apresentam um *locus* especial de expressão da voz do tradutor” (p. 34). Ainda na crítica brasileira, mas no âmbito da tradução de *best-sellers*, Stupiello (2000) adiciona que o tradutor realmente invisível “não seria aquele que recorre a estratégias de fluência, mas aquele que se nega a assumir a responsabilidade por suas escolhas e manipulações, acreditando, ingenuamente ou não, estar traduzindo de forma transparente, o que o exoneraria de sua responsabilidade na produção de um texto” (STUPIELLO, 2000, n.p.).

Outro ponto interessante da discussão de Venuti é o momento em que traça a situação da tradução nos mercados editoriais norte-americano e britânico, porque o autor nos choca com dados e comparações com outros mercados. No entanto, Pym encontra problema com os dados como apontado anteriormente, e outra questão precisa ser levantada: no Brasil, a demanda de traduções é bastante diferente da dos mercados estudados pelo autor. Isso faz com que “ser tradutor” no mercado britânico e norte-americano seja muito diferente de ser tradutor no mercado brasileiro. A demanda é grande, e não está centrada apenas na literatura, mas em todo tipo de texto: técnico, cinema, HQs, manuais, contratos, notícias, entre muitos outros. Isso torna a profissão do tradutor muito mais presente na vida das pessoas (não que isso incorra em maior visibilidade pelo público), mas o brasileiro entra em contato com traduções muito mais frequentemente do que os anglófonos. Além disso, o público das traduções é tão variado quanto os gêneros textuais, do público especialista ao leigo, com diferentes níveis de alfabetização. Isso precisa ser levado em consideração ao propor uma tradução mais truncada, mais

²² Também abordado em *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva* de Mittman (2003).

dificultada, porque, de acordo com De Freitas: “se esses tradutores adotassem a escrita de resistência venutiana no mercado brasileiro, por exemplo, que relevância social teriam?” (2003, p. 60).

A partir do que foi exposto até o momento, podemos perceber que os argumentos formulados levam a pontos de vista diferentes de onde podemos observar o trabalho do tradutor, o que é de especial interesse para nós.

Na verdade, o que vemos, boa parte das vezes, subjacente a essa problemática oriunda de Venuti é uma discussão voltada ao resultado do trabalho, da tradução em si, e não ao processo tradutório. Para nós, no entanto, a tradução como produto é um enunciado que, a exemplo de qualquer outro enunciado, é produzido a partir de uma enunciação, ou seja, algo que tem natureza processual.

Ora, o ponto de vista da enunciação, do processo que o tradutor mobiliza para ressemantizar um dado texto, assume, dessa perspectiva, importância semelhante à que se dá à tradução em si.

Desse modo, ao debatermos o assunto da invisibilidade tradutória, pretendemos levar em consideração também o processo tradutório. Faremos isso relendo os postulados de Venuti e os contrapontos de Pym e Arrojo à luz da teoria da enunciação de Benveniste, o que permitirá vislumbrar uma outra visão em torno do assunto. A observação do processo a partir da teoria da enunciação possibilita visualizar um tradutor necessariamente subjetivo, um “eu”, produto do seu “aqui-agora”, que traduz levando em conta um público-alvo, um “tu”, através da intersubjetividade. Neste trabalho, o processo é tão importante quanto o produto, e a atenção a ele pode enriquecer a discussão da (in)visibilidade tradutória.

2 BENVENISTE E A TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Neste capítulo, apresentamos a teoria de linguagem de Émile Benveniste, em especial a parte dedicada ao que se convencionou denominar de teoria de enunciação. Discorreremos sobre os índices necessários para que o quadro formal da enunciação seja entendido e reunimos os estudos voltados à tradução à luz da teoria enunciativa desenvolvidos no país, em especial Nunes (2008 e 2011), Heizenreder (2013) e Hoff (2016 e 2018).

Os textos de Benveniste que servem de *corpus* teórico de referência são *Estrutura das relações de pessoa* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956) e *Da subjetividade na linguagem* (1958), todos reunidos na obra *Problemas de linguística geral I* (1995), na seção “O homem na língua”. O texto *O aparelho formal da enunciação* (1970), integrante do *Problemas de linguística geral II* (2006) também será utilizado por oferecer o que poderia ser considerado uma síntese da teoria enunciativa (cf. Flores, 2013). O critério de seleção dos textos foi o recorte específico da teoria da enunciação, principalmente os textos que definem as noções principais dos índices específicos de uma enunciação, a saber, as categorias de pessoa, tempo e espaço, que têm a função de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação e permitem que ele enuncie a sua posição de locutor.

2.1 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO

É na obra *Problemas de linguística geral I* (1995) que Benveniste inaugura o quadro figurativo da enunciação, e o estudo aqui proposto começa com o texto *Estrutura das relações de pessoa* (1946), que introduz o primeiro momento da reflexão benvenistiana sobre a enunciação: a importante distinção entre as relações de pessoa (1ª e 2ª) e não pessoa (3ª), respectivamente *eu*, *tu* e *ele*. A primeira pessoa é “o ‘indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística eu’” (BENVENISTE, 1995, p. 279). Por sua vez, a segunda pessoa *tu* estabelece uma relação de alocação com a primeira, simétrica e reversível, e *tu* é definido por Benveniste como o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística tu” (ibidem, p. 279). A primeira e a segunda pessoas compartilham o traço da personalidade, o que, de acordo com Flores, “permite tratá-los como integrantes de um mesmo conjunto: a categoria de pessoa” (FLORES, 2013, p. 90). A terceira pessoa *ele*, no entanto, somente admite predicado fora da relação “eu-tu”, pois “nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa especificamente nada nem ninguém” (BENVENISTE, 1995, p. 253). Dessa forma, *ele*

é apresentado como a forma verbal específica da não pessoa, concluindo a distinção da *correlação de pessoalidade* que diferencia a primeira e segunda pessoas da terceira. Benveniste conclui: “uma característica das pessoas ‘eu’ e ‘tu’ é a sua unicidade específica: o ‘eu’ que enuncia, o ‘tu’ ao qual ‘eu’ se dirige são cada vez únicos. ‘Ele’, porém, pode ser uma infinidade dos sujeitos - ou nenhum” (ibidem, p. 253).

Benveniste dá seguimento à reflexão sobre a enunciação no texto *A natureza dos pronomes* (1956), introduzindo a noção de “realidade de discurso”, após indagar a qual realidade se referiria *eu* ou *tu*. O autor explica que não estão ligados a posições objetivas nem à realidade física, mas à enunciação, que é estabelecida toda vez que o indivíduo se apropria da língua e se enuncia como locutor, convertendo a linguagem em discurso. Desse modo, não há possibilidade de fixar *eu* e *tu*, pois estes são atualizados na instância de discurso, tomando a forma de cada locutor em cada vez que são enunciados, e, por referirem ao próprio uso, são considerados autorreferenciais. A terceira pessoa, no entanto, não é autorreferencial, pois remete a uma situação, dada suas propriedades de combinação com qualquer referência de objeto, da não reflexibilidade da instância do discurso, da possibilidade de comportar diversas variantes pronominais ou demonstrativas, e da não compatibilidade com o paradigma de termos como aqui e agora, que dependem da referência de *eu* e *tu*.

O terceiro texto a ser considerado neste trabalho é *Da subjetividade na linguagem* (1958), o qual Benveniste inicia estabelecendo uma noção importante para a enunciação: “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (1995, p. 285), complementando que não é possível encontrar o homem separado da linguagem, nem o momento em que a inventou. Após apresentar essa relação, o linguista segue no caminho de uma reflexão com foco na característica subjetiva da linguagem, como o título menciona, e profere uma das suas colocações mais conhecidas “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (ibidem, p. 286). Essa proposição, de acordo com Flores, permite “concluir que o homem se constitui sujeito na linguagem e pela língua” (FLORES, 2013, p. 98). Em seguida, Benveniste define a subjetividade como a “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, op. cit., p. 286), sendo experimentada apenas por contraste, porque empregamos *eu* sempre dirigindo-nos a alguém que, ao estabelecer-se a relação de alocação, será um *tu*. Isso ocorre devido à organização da linguagem, que permite a apropriação do locutor, que designa a si mesmo como *eu*, tornando-se o sujeito.

Em seu livro *Problemas de linguística geral II* (1989), Benveniste apresenta um texto que pode ser considerado a síntese do que foi desenvolvido até então sobre a enunciação. N’O

aparelho formal da enunciação (1970), o sírio finalmente define a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1970, p. 82). Após a definição, o autor nos alerta sobre uma dicotomia que surge com esse postulado: o ato do locutor de mobilizar a língua individualmente e produzir um enunciado, a enunciação, é o nosso objeto, não o texto do enunciado. Benveniste nos indica três maneiras pelas quais podemos estudar o processo da enunciação: a partir do aspecto vocal, da semantização ou do quadro formal de realização. Para estudar o quadro formal, de acordo com Flores, devemos “partir do ato, examinar a situação em que se dá esse ato e, finalmente, descrever os recursos linguísticos (os instrumentos) que tornaram possível o ato” (FLORES, 2013, p. 166).

Benveniste define cada um desses termos, a começar pelo ato, que “introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE, 1970, p. 83). O locutor é parte indissociável e imprescindível da análise enunciativa. Em seguida, afirma que o estabelecimento de um locutor necessariamente faz com que seja postulado um alocutário, para que ocorra um diálogo. Por fim, explica que a situação é a referência, uma relação com o mundo, que situa o enunciado em relação ao discurso.

Ao final do texto é apresentada brevemente a distinção entre a enunciação falada e a enunciação escrita²³, a qual o linguista entende ser importante distinguir-se. Isso se dá porque “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (ibidem, p. 90). Os postulados de Benveniste aqui introduzidos serão vistos nos próximos capítulos tomando o tradutor como sujeito, buscando entender como o quadro formal da enunciação é estabelecido na sua atividade e quais os índices e pessoas envolvidos no processo.

2.2 A TEORIA DA ENUNCIÇÃO E A TRADUÇÃO

O referencial teórico de Émile Benveniste que buscamos rememorar até o momento não trata da questão da tradução diretamente, muito menos fornece uma metodologia para tratar do fenômeno tradutório. Benveniste cita a tradução em pelo menos dois momentos de sua produção: no texto *A forma e o sentido na linguagem* (1967), reunido na obra *Problemas de linguística geral II* (1989) e no manuscrito *La traduction, la langue et l'intelligence*, publicado na coletânea *Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture* em 2016, organizada por Irène Fenoglio. Na primeira ocasião, utiliza a tradução como prova empírica da teorização que desenvolve no

²³ Abordada, de maneira mais geral, em Flores (2019) e, na perspectiva da produção de textos acadêmicos, em Nunes e Flores (2013).

texto, sobre a possibilidade de transpormos o semantismo de uma língua para a outra mas não podermos transpor o semioticismo de uma determinada língua durante a tradução. A segunda ocasião na qual Benveniste toma o assunto da tradução já foi analisada minuciosamente por Hoff, cabendo a este trabalho apenas transcrever aqui o que é dito por Benveniste:

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos. (BENVENISTE apud HOFF, 2016, p. 57)

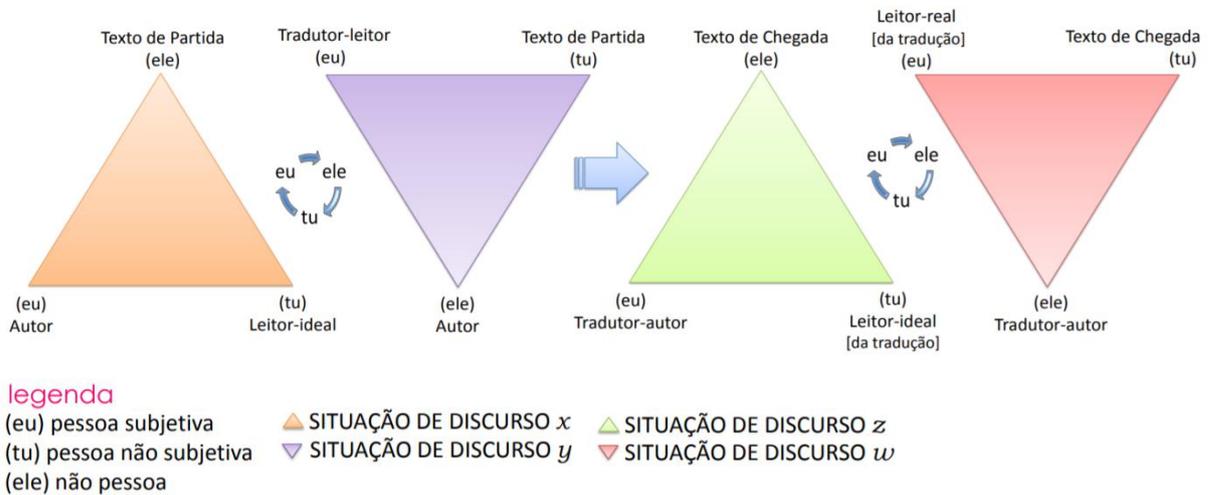
Quando pensamos nos Estudos de Tradução como um todo, percebemos que muitos teóricos dispõem de metodologias bastante engessadas para o exame de uma tradução, aplicando “etiquetas” a cada movimento do tradutor, impondo noções de erro e de imprecisão, realizando uma análise do produto final, do enunciado produzido pelo tradutor, do resultado da sua enunciação escrita. No entanto, ao entender a tradução como um fenômeno da linguagem, uma análise que contempla só o texto de partida e o produto da enunciação do tradutor deixaria de fora aspectos muito importantes da produção da tradução. É necessário contemplar o sujeito tradutor como um leitor (intérprete) e produtor de sentidos, o público-alvo a quem ele direciona a tradução e a historicidade da tradução, produzida em um “aqui-agora” sempre diferente do original, que influencia profundamente o processo e o produto. O processo de enunciação do tradutor merece destaque nos Estudos da Tradução, por proporcionar uma reflexão que considera elementos além do enunciado, que enriquecem ainda mais a análise da prática tradutória. É nesse sentido a colocação de Hoff, que considera que essa visão da tradução como fenômeno de linguagem “permite um melhor entendimento da natureza e da experiência humana e também da própria realidade” (HOFF, 2018, p. 13), porque entende que a tradução vai muito além do que se vê no produto, pois na análise fria, frase-por-frase, muitas vezes deixa-se de contemplar a subjetividade de cada tradutor e sua inscrição única em cada frase que traduz, assim como outros caracteres da enunciação daquela tradução.

No item anterior, a enunciação é apresentada como o ato de mobilizar a língua e o enunciado é entendido como o resultado desse processo de apropriação, e a questão da tradução está localizada no meio do caminho dessas duas questões. O tradutor lê o enunciado de um texto, mas este não é suficiente, porque é necessário utilizar informações além do enunciado para a tradução, o que Nunes chama de desautomatização da leitura, por meio da “leitura da enunciação” (NUNES, 2011, p. 17). É necessário que o tradutor vá além da materialidade do texto, questione o processo de enunciação do autor e investigue a articulação e construção do

sentido produzidas pelo autor do texto de partida. Isso também remete à noção de que ao fazer-se uma leitura, o próprio tradutor enuncia-se.

Haizenreder (2013) elabora uma proposta de dispositivo para estudo do processo tradutório levando em consideração o quadro formal da enunciação, como apresentado a seguir:

Figura 1 – Proposta do dispositivo de estudo do processo tradutório de Haizenreder (2013)



Fonte: Haizenreder, 2013, n.p.

A autora propõe o dispositivo com o intuito de pensarmos o processo tradutório como um diálogo, “uma troca entre interlocutores na qual se incluem índices particulares de pessoa, espaço e tempo” (HAIZENREDER, 2013, n.p.²⁴). Destaca que os índices (*eu*, *tu*, *ele*) estão presentes em quatro momentos diferentes no processo de tradução: na escrita do texto de partida por parte do autor, no processo de leitura do tradutor, no texto produzido pelo tradutor e na recepção pelo leitor. Desse modo, configura-se uma rede de enunciações que suscitam quatro situações de discursos diferentes, cada uma contendo sujeitos e sentidos singulares. O dispositivo também auxilia na visualização do fenômeno tradutório no nível de complexidade condizente com a realidade, fugindo da visão simplista de transferência de sentidos (transparente) de uma língua para outra.

Para entender como o tradutor atua diante deste dispositivo, tomemos primeiro o momento *x*. Um texto qualquer é produzido por um autor, que se instaura como *eu*, imagina um leitor-ideal *tu* e produz um texto *ele*. Em seguida ocorre a situação de discurso *y*, primeiro momento do tradutor, que se instaura como *eu* realizando a sua interpretação desse texto, questiona o que o autor quis dizer *ele* e indaga o *tu*, o texto de partida. No segundo momento

²⁴ Pôster da autora apresentado no Salão de Iniciação Científica da UFRGS (2013).

do tradutor, na situação de discurso **z**, é hora da produção da tradução, de acordo com o que aconteceu na situação **y**. O tradutor-autor se coloca como *eu*, escreve a tradução, idealiza um *tu*, o leitor-ideal da tradução e produz um texto de chegada *ele*. A última situação de discurso insere finalmente o leitor-real (**w**), que se instaura como *eu* na leitura do texto, alocuta sua leitura com um *tu* e agora o tradutor-autor é colocado como *ele*.

A partir da leitura dessas autoras que relacionam a teoria enunciativa à tradução, percebemos que cabe ao tradutor buscar remontar a construção dos sentidos (enunciação) mobilizados pelo autor, almejando que seu texto provoque efeitos semelhantes no novo público-alvo leitor, não sendo suficiente remontar apenas o informado pelo texto, o enunciado (cf. Nunes, 2011, p. 24). Nosso trabalho é constituir novamente, em uma nova língua, em um novo lugar, um sentido, que não é dado, mas interpretado (cf. Nunes, 2008, p. 70). Tudo isso é passível da interpretação e leitura da enunciação “original” que o tradutor faz, mas também da leitura do público-alvo, que jamais deve ser desconsiderada, visto que sempre escrevemos e traduzimos para alguém.

Quando pensada à luz da teoria benvenistiana, a remontagem dos sentidos tem como foco principal o sujeito tradutor, a interpretação que o mesmo inscreve no texto e sua evidente presença. O deslocamento da atenção do enunciado para a enunciação foi, de certa forma, suscitado por Arrojo e Pym, e tal mudança de paradigma será discutida no próximo capítulo, levando-se em consideração pontos da teoria venutiana, o mercado editorial brasileiro e a presença de tradutores no contexto específico do Brasil.

3 A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NO CONTEXTO BRASILEIRO

Neste capítulo retomamos pontos da reflexão de Venuti e aproximamos à realidade do Brasil, visto que o autor localizou seu empirismo nos mercados editoriais e imprensas inglesa e norte-americana. O capítulo está dividido em duas partes: na primeira (3.1), avalio a reflexão de Venuti tomando por base dados do mercado editorial brasileiro; na segunda (3.2), avalio a questão específica da fluência com base em dados levantados junto às agências de tradução e junto à crítica em geral, citando exemplos. Por fim, retomo as noções sobre fluência suscitadas por Arrojo e Pym, introduzidas anteriormente.

3.1 O MERCADO EDITORIAL E COMERCIAL BRASILEIRO FRENTE AO TRADUTOR

O maior alvo das críticas de Venuti é o mercado editorial inglês e norte-americano, que, de acordo com o autor, impõe fluência textual e pouco publica traduções quando em comparação com outros países. A título de conhecimento, consideramos fortuito trazer dados do mercado editorial brasileiro, para entendermos as diferenças entre a realidade de Venuti e a brasileira. O Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), juntamente com a Câmara Brasileira do Livro (CBL), coordenam a *Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, realizada pela Nielsen Books. O objetivo da pesquisa é analisar os dados fornecidos pelas editoras e produzir retratos da leitura no Brasil naquele ano, para que seja possível propor planos de ação para o mercado. A partir dos dados de uma amostra de editoras é feita uma estimativa, que, para avaliar a performance do setor editorial, compara, em relação ao ano anterior, quatro categorias: a produção de livros, as vendas, os canais de venda e os subsetores (gêneros mais proeminentes). A categoria da produção de livros relata quantos livros de autores nacionais foram publicados, quantos foram traduzidos, quantos foram reimpressos e informa o total de livros produzidos naquele ano.

Com a finalidade de entender a produção de traduções do setor editorial brasileiro, resgatamos os dados dos anos de 2016 a 2019. As pesquisas anteriores não faziam diferenciação entre novos títulos e reimpressões e, deste modo, precisaram ser descartadas. É importante destacar que o mercado editorial representado por esta pesquisa não abarca apenas a produção de obras literárias no sentido estrito, mas também livros didáticos, religiosos e científicos.

O gráfico a seguir retrata o número de novas traduções publicadas no período de 2016 a 2019 e a sua comparação com o total de novas publicações nos anos já mencionados.

Gráfico 01 – Número de novos títulos traduzidos



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, s.d., n.p.

Pode-se aferir a partir da interpretação do gráfico que o número de novas traduções por parte das editoras retratadas na pesquisa diminuiu no período, mas a produção como um todo também caiu (que conta as novas publicações de autores nacionais). Em 2016, mais de sete mil novas traduções foram publicadas; em 2019, nem quatro mil novos títulos, uma diminuição de 45,7%. No entanto, é necessário comparar com o todo da produção editorial, conforme gráfico a seguir.

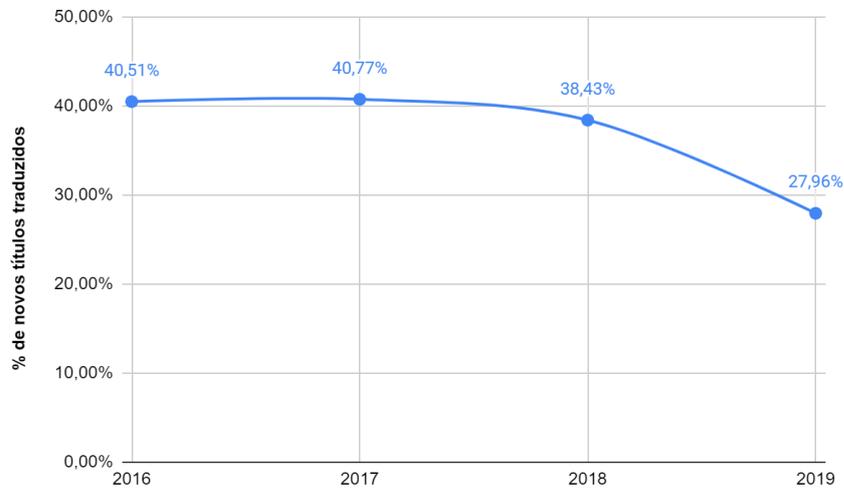
Gráfico 02 – Produção de novos títulos - nacionais e traduzidos



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, s.d., n.p.

Considerando o decréscimo de produção de novas publicações como um todo, que acumula 20,84% entre 2016-2019, é possível observar que o número de traduções teve um decréscimo menor, de 12,55%, conforme gráfico a seguir.

Gráfico 03 – Porcentagem de produção de novos títulos traduzidos



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, s.d., n.p.

No entanto, isso não significa que menos traduções estejam sendo impressas, porque é necessário considerar a tiragem de cada livro. O gráfico a seguir retrata o número de exemplares de livros traduzidos produzidos no período de 2016 a 2019:

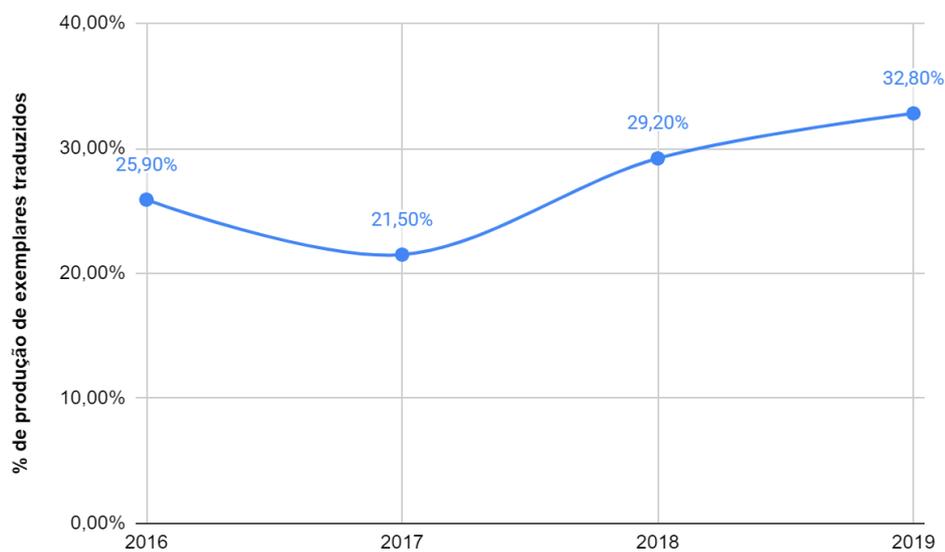
Gráfico 04 – Produção de novos exemplares traduzidos



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, s.d., n.p.

Podemos visualizar sem esforço que o número de exemplares de livros traduzidos aumentou significativamente desde 2016, ainda que o número total tenha diminuído em mais de 2 milhões de exemplares. O gráfico a seguir mostra o crescimento com mais clareza:

Gráfico 05 – Porcentagem de produção de novos exemplares traduzidos



Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, s.d., n.p.

Pode-se perceber a partir destes dados que a tradução de obras é parte importante e crescente do mercado editorial brasileiro, somando mais de 30% das produções de exemplares novos e 27% dos novos títulos. Muitas editoras passaram a promover encontros dos autores e tradutores com o público como estratégia de marketing, aproximando o leitor de um autor estrangeiro, destacando também a figura do tradutor como possibilitador desse contato entre autor e público.

A tese de Venuti de que o mercado editorial seria imperialista em casa e xenofóbico fora de casa não se aplica ao mercado brasileiro, onde as traduções convivem com os autores nacionais na formação de leitores. Esses dados servem como contexto e podemos perceber que há uma demanda crescente de traduções, que caminha junto a um maior contato do público com os tradutores pelas redes sociais. Esse fato se dá pelo aumento da consciência das editoras de que o tradutor é um grande mediador entre o público e a obra e pode alavancar o número de vendas de um título. Para isso, faz-se necessário ter um leque de tradutores mais empoderados, como Arrojo sugere, que estejam conscientes do caráter interpretativo da sua prática, estejam prontos para responder às perguntas dos leitores e tenham confiança no trabalho que realizam.

3.2 A QUESTÃO DA FLUÊNCIA TEXTUAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O segundo ponto de Venuti no que se refere às expectativas do mercado editorial entra na questão da fluência textual como política editorial, que, segundo o autor, exige que o tradutor produza textos fluentes, apagando as diferenças entre o texto de partida e o de chegada. O autor propõe que realizemos traduções mais resistentes à fluência, para, segundo ele, evitar que nosso trabalho pareça um ato de simples transferência de significado de uma língua para a outra, uma prática que tem como resultado uma presença do tradutor menos notada pelo leitor.

Para ilustrar as “exigências” do mercado editorial e comercial, procuramos manuais de estilo ou instruções de agências de tradução e editoras que nos permitissem visualizar as “demandas” e entender melhor do que se trata essa imposição de fluência argumentada por Venuti. A agência de tradução Terralíngua, de Porto Alegre, possui em seu site uma postagem sobre adequação linguística, na qual descreve o que os tradutores da casa procuram fazer em cada projeto, reproduzida por completo a seguir:

Talvez um dos aspectos mais complexos da tradução seja a questão da adequação linguística do texto traduzido. Esse é um dos motivos pelos quais a tradução humana, preferencialmente feita por um falante nativo, sobrepõe-se à tradução automática: a tradução requer adaptação. Linguisticamente falando, qualquer texto **precisa levar em consideração seu público-alvo** e, para isso, precisa adequar-se à maneira como esse público fala. Assim, se meu público for, por exemplo, majoritariamente composto por adolescentes, deve-se adequar a tradução a uma linguagem adolescente.

A questão de estilo do texto deve ser igualmente considerada. Enquanto um manual extremamente técnico, com terminologia muito específica, restringe o tradutor quanto às suas escolhas linguísticas, um material de marketing, por exemplo, proporciona ao tradutor mais liberdade e flexibilidade.

A adequação linguística está intimamente ligada à adequação cultural. Tomemos como exemplo a **tradução de artigos científicos. A língua inglesa faz uso de uma linguagem prática e direta e dá preferências a determinadas estruturas, como a voz passiva.** Já na língua portuguesa, uma linguagem com mais rodeios e mais explicativa é considerada normal. Portanto, para fazer uma tradução desse tipo, **leva-se em consideração que diferentes aspectos linguísticos deverão ser usados na tradução** para que, culturalmente, esse texto possa se adequar ao meio a que se destina. Por exemplo, **em manuais de equipamentos em inglês, costuma-se iniciar instruções com please**, como em: “Please make sure you have turned on the ignition”. **Já em português isso não acontece**, e a tradução adequada do trecho seria: “Certifique-se de ter ligado a ignição”. Ainda que a língua inglesa seja econômica, ela apresenta mais polidez em casos como esse.

Além dessas questões, nós da Terralíngua levamos em consideração que algumas **adequações linguísticas são escolhas do cliente** e, por isso, devem ser seguidas. Daí a importância de guias de estilo enviados por clientes para

atender às suas exigências de qualidade de maneira uniforme e consistente.

Enquanto um cliente pode preferir uma tradução literal de um título como: “Creating a new website” (ou seja, “Criando um novo site”), outro pode achar que a substituição do gerúndio por um substantivo, com a adição de um artigo definido, é mais sonora (“A criação de um novo site”). A Terralíngua está ciente de que **uma tradução de qualidade depende não apenas do conhecimento do linguista em relação às línguas fonte e alvo: ela também depende de adequações linguísticas, culturais, estilísticas e comerciais.** (TERRALÍNGUA TRADUÇÕES, s.d., n.p., grifos meus)

Esse texto tem como público-alvo futuros clientes da agência e objetiva diferenciar e valorizar a tradução humana em relação à tradução automática. São destacados os conhecimentos que um tradutor possui e que imprime ao texto, que não estão ligados apenas às duas línguas de trabalho, mas às “adequações linguísticas, culturais, estilísticas e comerciais”. Pode-se entender do texto que os grandes fatores que guiam uma tradução são o público-alvo, o estilo, a cultura e as escolhas do cliente.

O público-alvo é levado em consideração porque as convenções linguísticas utilizadas por aquele público devem ser atualizadas; se o público for majoritariamente adolescente “deve-se adequar a tradução a uma linguagem adolescente” (ibidem, n.p.). Em outros casos, o tradutor pode fazer a leitura do texto de partida e, de acordo com o projeto de tradução, fazer alterações no público-alvo, adaptando níveis diversos do texto para que esse público leia esse texto da melhor maneira possível. Essa “instrução” pode ser levada em consideração na avaliação de Venuti sobre a tradução de Robert Graves da coletânea de biografias intitulada *The Twelve Caesars* (2014), citada no primeiro capítulo deste trabalho. Venuti diz que Graves “deixou claro que deliberadamente modernizou e anglicizou o latim²⁵”, e critica a decisão do tradutor de retirar o ensaio introdutório que sinalizava as diferenças culturais e históricas da República Romana, o que, de acordo com ele, permitiu que “sua prosa fluente se tornasse transparente e escondesse o trabalho domesticador da tradução²⁶” (VENUTI, 1995, p. 26). No entanto, Graves explica a estratégia de tradução no prefácio da obra, relatando que a versão dele “não pretende ser um resumo com fins escolares; a dissimilaridade das essências do latim e do inglês faz com que uma renderização literal seja praticamente ilegível²⁷” (GRAVES, 2014, p. 3). Afirma que as frases ou grupos de frases muitas vezes precisaram ser virados do avesso para causar entendimento, e que inseriu no “texto algumas palavras de explicação que normalmente

²⁵ No original: “Graves made clear that he deliberately modernized and Anglicized the Latin.”

²⁶ No original: “[...] allowing his fluent prose to turn transparent and so conceal the domesticating work of the translation.”

²⁷ No original: “This version of *The Twelve Caesars* is not intended as a school crib; the genius of Latin and the genius of English being so dissimilar that a literal rendering would be almost unreadable.”

apareceriam nas notas de rodapé”²⁸ quando as referências “eram incompreensíveis para aqueles que não estão muito familiarizados com a cena romana” (ibidem, p. 3). Graves praticou a adequação cultural do latim para o inglês tendo em mente as expectativas do leitor anglófono, ou aquilo que ele acreditava que o leitor desejava. Sobre a retirada do ensaio introdutório, o tradutor explica que “muitos leitores talvez preferirão mergulhar diretamente na história e ir pegando o fio da meada ao decorrer da obra”²⁹, temendo que seja importuno ao leitor um texto explicativo antes de iniciar a leitura, e um respeito em relação ao que o leitor pode descobrir e inferir sobre a cultura romana ao ler o livro sem fazer a leitura prévia de uma explicação.

Ainda que tradutores não possam ver o futuro e saber como o público irá interagir com seus textos, é possível notar que, nesse caso, a realização de escolhas conscientes e fundamentadas, o cuidado e intenções nobres frente ao leitor ocasionaram com que a tradução de Graves obtivesse bastante sucesso, e a afirmação de Venuti de que a obra teve sucesso “por fatores como o declínio no estudo de línguas clássicas entre leitores educados e a falta de outra tradução no mercado” (VENUTI, 1995, p. 191) é por um lado excludente de uma grande parte dos leitores, os não especializados na literatura romana, e por outro desrespeitoso com o tradutor, que é criticado por ter feito um bom trabalho e ter alcançado reconhecimento. Sobre o declínio do estudo de línguas clássicas, é possível extrair da base de dados *Index Translationum* da Unesco que o Latim é a décima língua mais traduzida, com 19.972 registros de traduções até o dia da minha pesquisa³⁰. O próprio Venuti diz que o público-alvo da tradução eram estudantes e leitores gerais, um público maior em relação ao público estudioso de línguas e literatura clássicas inicial, então surpreende a crítica de popularização da tradução quando é perfeitamente aceitável que uma tradução aproxime culturas tão diferentes cronologicamente, mas que possuem grandes semelhanças e heranças. Além disso, para que seja despertada em alguém a vontade de estudar línguas clássicas, o acesso às obras traduzidas e menos “duras” é vital.

É importante lembrar que essa adequação cultural ocorre de maneiras diferentes em cada tipo de texto, e também em níveis diferentes. É preciso levar em conta a mudança do público, do local de publicação e do tempo de publicação. Na particularidade dos resumos acadêmicos, por exemplo, é necessário checar a quantidade de palavras que a revista permite, tomar em

²⁸ No original: “Wherever his references are incomprehensible to anyone not closely familiar with the Roman scene, I have also brought up into the text a few words of explanation that would normally have appeared in a footnote.”

²⁹ No original: “[...] most readers will perhaps prefer to plunge straight into the story and pick up the threads as they go along.”

³⁰ Pesquisa realizada no dia 20 de julho de 2020.

consideração que a língua inglesa utiliza um número maior de palavras (mas de tamanho menor) para comunicar, quais são as regras na questão da pontuação e se a formatação segue os padrões da ABNT ou outro tipo de norma. Em artigos acadêmicos, é preciso entender se a publicação será feita em revistas, livros ou jornais, se o público-alvo é especializado ou geral, se será possível adicionar notas ou dialogar com o autor a necessidade de inserções no texto. Na obra literária e no texto técnico, os manuais de estilo das editoras e agências de tradução guiam escolhas lexicais, unidades de medida, relembram regras gramaticais e de pontuação e fornecem materiais de consulta como glossários e dicionários. É evidente a intervenção do tradutor no texto como um todo.

Em referência ao estilo, o texto da Terralíngua explica que manuais com terminologia muito específicas restringem mais as escolhas do tradutor, enquanto que materiais de marketing, por exemplo, concedem maior liberdade ao tradutor. Isso se dá pelo fato de que, na tradução de peças publicitárias, é possível que seja necessário alterar a mensagem por completo, porque a construção de efeito apelativo em textos muda profundamente de acordo com a língua e cultura envolvidas. Um exemplo recente de tradução de marketing que, de certo modo, seguiu a sugestão de Venuti de deixar claro que era uma tradução, foi a campanha de turismo nacional lançada pela Agência Brasileira de Promoção do Turismo (Embratur) em julho de 2019, que, em português, lê-se “Brasil. Visite e encante-se”. Em inglês, a versão disponibilizada nas redes sociais e site da agência brasileira é “Brazil. Visit and love us”, que deixa de considerar pontos como: “amar” é semanticamente diferente de “encantar”; “us” não é amplamente utilizado como referente a um país, mas sim ao povo do país; o fato de que o verbo “amar” no imperativo está ordenando que o turista se apaixone pelo país e a grafia de Brasil anglicizada é desnecessária pois o site de acesso para os turistas está grafado com a letra “s”. Na tradução de peças de marketing é imprescindível que o tradutor conheça profundamente a cultura-alvo e teste suas traduções, pois as consequências não são apenas o estranhamento por parte do leitor, mas a ineficácia total da intenção da peça. Nessa ocasião, o tradutor acabou bastante visível visto que o enunciado tem problemas.

Voltando à adequação cultural proposta pela agência de tradução Terralíngua, é importante destacar que em momento algum é dito que a fluência é o critério mais importante: o texto explica que há maneiras mais adequadas de dizer a mesma coisa em duas línguas, como a preferência, na língua inglesa, de iniciar frases em manuais de instrução com “please”³¹ e em português com pronome reflexivo em “certifique-se”. As alterações promovidas pelos

³¹ “Por favor” em inglês.

tradutores tem como resultado a fluência, mas são regidas pelo desejo de que seu texto tenha um efeito e uma relação semelhante na língua de chegada. Um exemplo muito bom disso consta no blog da tradutora e historiadora Denise Bottman (2010), a tradução da frase “I swam across the river”, que encontra como uma das possibilidades “Eu nadei através d’o rio”, opção do tradutor que quer, por algum motivo “interferir menos no texto, atendo-se estritamente ao original, as palavras passam através de mim como instrumento de transmissão: não deixo minha marca pessoal” (BOTTMANN, 2010, n.p.). No entanto, em português, ninguém nada “através” de um rio; nós atravessamos o rio nadando, cruzamos o rio a nado, atravessamos o rio a nado, nadamos até a outra margem do rio (para abranger todos os sentidos de “across”). De acordo com a autora, a pergunta feita é “É fluente dizer ‘I swam across the river’ em inglês? Sim, tremendamente. É usual. É fluente dizer ‘Eu nadei através do rio’ em português? Não, nem um pouco. É estranho” (ibidem, n.p.). No enunciado “Eu nadei através d’o rio”, renderizado palavra-por-palavra, um decalque, no qual a estrutura original fica mais visível, o tradutor fica muito mais visível do que na opção “Atravessei o rio a nado” ou “Nadei até a outra margem do rio”. Nessas, o tradutor realizou uma intervenção mais marcada, que exigiu dele conhecimento mais profundo da semantização do português, e isso resultou em um enunciado em que ele está menos visível, ao soar como um texto escrito originalmente em português, mas sua presença está mais marcada. Quando um tradutor exerce sua prática de forma empoderada e consciente do papel da sua interpretação pessoal e da sua inevitável marca no texto, a “probabilidade de alcançar em sua tradução uma fluência similar à fluência do texto de origem” (ibidem, n.p.) é muito maior. O tradutor consciente da sua intervenção no processo de enunciação produz enunciados que o escondem, por estarem tão atualizados na semantização adequada da língua para aquele projeto, ocasionando com que o processo da operação tradutória se torne invisível. No entanto, a marca do tradutor estará em todas as escolhas que tomar, em cada item lexical, inversão sintática ou preposição. O leitor dificilmente tem acesso ao original, por isso é o público da tradução. Desse modo, a análise da miríade de escolhas e marcas do tradutor específico ficam apenas disponíveis para aqueles que podem cotejar ambos os textos.

É necessário que essa situação seja considerada também no caso das resenhas, tão criticadas por Venuti. O leitor-escritor que produz a resenha deve ser levado em consideração como um *eu* único, e deve-se compreender que nem todos os resenhistas têm conhecimento ou acesso ao original, sendo praticamente impossível fazer uma crítica elaborada de tradução sem eles. Para exemplificar as diferenças de resenhas especializadas e amadoras, coletamos resenhas da obra *O Grande Gatsby* de F. Scott Fitzgerald, traduzida por Vanessa Barbara pela Companhia das Letras em 2011, uma das diversas reimpressões e novas traduções publicadas

às vésperas da estreia da adaptação do filme de Baz Luhrmann em 2013. Destaco no quadro a seguir o meio de publicação, o autor e sua formação profissional.

Quadro 1 – Local de publicação e formação dos autores das resenhas

Nº	Local de publicação	Autor	Profissão do autor
#1	Coluna Crítica e Romance, do Jornal Folha de São Paulo	Nelson de Oliveira	Escritor e mestre em Letras pela USP
#2	Blog pessoal	Milton Ribeiro	Jornalista e proprietário de livraria
#3	Blog pessoal	Yuri Alhanati	Jornalista
#4	Caderno 2 do Jornal Estado de São Paulo	Luis Fernando Veríssimo	Escritor e tradutor
#5	Blog pessoal	Ana Luiza Ferreira	Estudante de psicologia
#6	Revista Cadernos de Tradução vol. 36 no. 02	Antonia de Jesus Sales	Doutoranda em Estudos da Tradução na UFSC e tradutora

Fonte: Elaborado pela autora.

A resenha de número um, escrita por Nelson de Oliveira, começa com explicações sobre os principais personagens da obra, sobre a dinâmica explorada e o objetivo do personagem principal. O resenhista recomenda que o texto introdutório escrito por Tony Tanner seja lido ao fim da obra “como uma sobremesa”, pois “romances como ‘O Grande Gatsby’ pedem um mergulho imediato, sem preâmbulos” (DE OLIVEIRA, 2011, n.p.). Essa resenha foi publicada em 08 de outubro de 2011, em um espaço regular do jornal Folha de São Paulo, que consta uma resenha de tamanho curto, inclui a “nota” do resenhador, atualmente com representações de até cinco estrelas. Como é de costume, a única informação sobre o tradutor consta na pequena seção de informações editoriais, que inclui o nome do autor do livro, a avaliação do resenhador, a editora que publicou, o nome do tradutor e o preço do livro à época. O resenhista em questão julgou como “ótimo” e a única menção à tradutora foi o seu nome.

A segunda resenha, de Milton Ribeiro, endossa muito mais liberdade. Por ser publicada em um blog pessoal, o resenhista tem liberdade para falar do que desejar, sem se ater a formatos tradicionais. O interessante dessa resenha é o desejo de Ribeiro de não “estragar” a história, contando “spoilers”, pois o autor é dono de uma livraria, então o objetivo da resenha é fazer

com que adquiram o livro, especialmente em sua loja. Inicia o texto com “a excelente tradutora Vanessa Barbara” e relata a crítica da tradutora à adaptação fílmica por Baz Luhrmann. O resenhista adiciona “acho compreensível que ela ataque o filme; afinal, o cuidado que demonstrou em sua tradução é indiretamente rebatido pela mão pesada e deselegante do diretor” (RIBEIRO, 2013, n.p.). Pode-se inferir que o resenhista já leu outra tradução da obra ou até mesmo o original, ao levar-se em consideração a escolha de palavras da resenha. Termina a postagem do blog dando um conselho “Leia o livro, é um clássico moderno. E, se der, esqueça o filme” (ibidem, n.p.).

A terceira resenha também foi publicada em um blog pessoal, do autor Yuri Alhanati, também jornalista. Ela é escrita com bastante humor, e o objetivo é “te falar porque esse livro é um livraço e você vai acabar gostando muito mais dele quando ler” (ALHANATI, 2021, n.p.). Explica os motivos pelos quais considera *O Grande Gatsby* um “livraço”, e, ao final, destaca a edição que leu “é muito bonita, tem a tradução nova da Vanessa Barbara, que é ótima e colocou várias notas de rodapé para te situar na época e no lugar do romance” (ibidem, n.p.). As notas da tradutora acompanham os capítulos; as notas originais, elaboradas por Tony Tanner, escritor da introdução do livro, estão ao fim do livro.

A resenha seguinte, escrita pelo autor e tradutor gaúcho Luís Fernando Veríssimo, foi publicada no Caderno 2 do jornal *O Estado de São Paulo*. O espaço físico no jornal não é extenso, então Veríssimo utilizou dele de forma concisa e bastante abrangente. No início, destaca que há quatro ou cinco traduções da obra e declara que “a melhor das novas no mercado deve ser a que a excelente Vanessa Barbara fez para a Companhia das Letras” (VERISSIMO, 2013, n.p.). Em seguida, justifica a quantidade de traduções por espelhar “de certa forma, a variedade de interpretações possíveis do livro”. Por fim, explica a comparação usualmente feita entre Fitzgerald e seu antecessor Hemingway, e apresenta duas possíveis leituras do que o livro “simboliza”. A tradutora Vanessa Barbara descreveu, em seu blog pessoal (2017), o encontro com Verissimo, no qual ele “folheou a tradução e se deteve nas últimas páginas. Elogiou minhas escolhas para o trecho final, que possui uma reconhecida dificuldade de tradução” (BARBARA, 2017, n.p.). O autor claramente já havia lido *Gatsby* em inglês e assim pode fazer uma crítica específica à tradução feita da última frase do livro.

A quinta resenha, da estudante de psicologia Ana Luiza Ferreira, publicada em seu blog pessoal, inicia com um breve resumo do livro, explica as características da narrativa, as temáticas do livro, destaca os principais personagens e ao fim fala da edição que leu:

A tradução de Vanessa Barbara é excelente e não encontrei qualquer problema

no texto. A diagramação é simples, mas funciona perfeitamente no leitor digital. Essa edição da Peguin (*sic*) ainda traz uma introdução muito rica de Tony Tanner. Eu gostei bastante da capa escolhida. A moça em roupas de época combina perfeitamente com O Grande Gatsby. (FERREIRA, 2020, n.p.)

Finaliza o texto respondendo à pergunta “Vale a pena ler?” e o objetivo da resenha é cumprido, recomendando o livro para o público de uma forma divertida e estruturada.

A sexta e última resenha, publicada na Revista Cadernos de Tradução é a mais especializada, escrita por Antonia de Jesus Sales, doutoranda em Estudos da Tradução na UFSC. Inicia o texto explicando características da obra, do momento da publicação e da narração. Logo no início apresenta trechos do texto de partida e do texto de chegada com o objetivo de analisar o trabalho da tradutora. Avalia, em dois momentos que “a tradução [...] ocorreu de forma muito próxima do texto fonte” (SALES, 2016, p. 301). Relata momentos em que a adequação do texto é mais evidente, como quando traduziu “Why ye-es?” para “Por que não?”. Destaca as características estilísticas do autor que a tradutora manteve e conclui que ao cotejar-se o texto de partida e a obra traduzida é possível perceber que “a tradutora procura sempre respeitar o estilo do autor e isso é refletido na sensação que o leitor tem ao sentir-se próximo da obra fonte” (ibidem, p. 309). Considera as escolhas propostas pela tradutora como de qualidade, e destaca, ao fim, que questões de ordem semântica, estilística e de comparação “sempre serão discutidas tanto pelo tradutor, quanto por leitores mais críticos que cotejarem o texto de partida e a tradução feita” (ibidem, p. 309). A autora destaca justamente o ponto que gostaríamos de exemplificar ao trazer as seis resenhas. Para que se possa fazer uma resenha da tradução, e não da obra/enredo do livro em si, é necessário que o resenhista seja no mínimo bilíngue, tenha acesso ao texto de partida, além de ser versado nas especificidades da tradução, tendo noções de teorias de linguagem, do processo de tradução e das diferentes formas de se traduzir.

Venuti critica a tradição da crítica de preconizar a fluência em oposição ao tradutês, mas isso não foi encontrado em nenhuma das resenhas que compõem o *corpus* deste trabalho. Os resenhistas que têm conhecimentos de tradução ou conhecem outras edições da obra elogiam a tradução ou simplesmente não a mencionam. O perfil do resenhista é de suma importância e Venuti deixou essa consideração de lado, criticando-os por não incluir uma análise crítica da tradução em suas resenhas. O contexto da enunciação da resenha é tão importante quanto o de uma tradução, e enriquece a análise quando levado em consideração.

Venuti acredita que a invisibilidade é uma escolha ativa dos tradutores, realizada através da adoção da estratégia de traduzir fluentemente. Para buscar relatos dessa escolha ativa e

justificativas para tal tomada de decisão, buscamos paratextos e entrevistas escritos por tradutores. No texto de apresentação de *Uma história das ideias linguísticas* (2017), as tradutoras Marli Quadros Leite e Jacqueline León relatam que “para manter o estilo do livro, escrito em francês fluente e moderno, decidimos fazer uma tradução em que se lê um português padrão contemporâneo, corrente, claro e direto” (LEITE; LEÓN, 2017, n.p.), decisão similarmente adotada por Jorge Wanderley, tradutor d’*A divina comédia* de Dante (2010), que relata objetivar “manter o esquema métrico e rimário, precisão, fluência. Esses os objetivos de base. Dizer o que diz o texto original. Fazer fluir com naturalidade *nativa* o texto traduzido” (WANDERLEY, 2010, p. 39) (grifos no original).

Outros tradutores, como Reginaldo Francisco n’*O Diário de Gian Burrasca* (2011), relata que buscou “intermediar procurando não prejudicar o contato com o diferente, apesar de reescrever o livro em português” (FRANCISCO, 2011, p. 8), traduzindo algumas expressões italianas literalmente para que o público tome conhecimento e em outros casos deixou-as “em italiano mesmo, quando ela era fácil de entender ou bem conhecida no Brasil” (ibidem, p. 9). O tradutor André Czarnobai, em entrevista para Bigaton e Paulo (2018) define rigorosamente que para o público-alvo das crianças, opta pela domesticação, buscando renderizar um texto mais legível possível. Já para os adolescentes, opta “por um texto intermediário, que contenha alguns elementos domesticados, mas também respeite trocadilhos e referências originais. Nos adultos é parecido, mas aí a balança tende a pender mais para respeitar as intenções originais do autor” (BIGATON; PAULO, 2018, p. 504). Ivo Bender, ao traduzir os Poemas Escolhidos de Emily Dickinson (2004) diz ter procurado “evitar duas coisas: a excessiva distância em relação aos originais e, por outro lado, a versão truncada, quando não incompreensível, que resulta normalmente da vontade de permanecer ‘colado’ ao poema em seu idioma de partida” (BENDER, 2004, p. 12).

A partir desses paratextos e entrevista é possível interpretar que a fluência não é imposta pelas editoras, até porque não é comum que elas forneçam qualquer manual de tradução / diretriz ao tradutor. Elas explicam o projeto, o público, e confiam no trabalho do tradutor, cabendo a ele/ela justificar suas escolhas caso, na revisão, entrem em choque com as preferências da editora, mas a última palavra ao aceitar ou rejeitar as sugestões da revisão é do tradutor. O tradutor toma decisões linguísticas buscando atingir efeitos e relações semelhantes no novo “tu”, e a manutenção do nível de fluência que encontram no texto de partida é usualmente um dos guias. Essa manutenção pode ocasionar em uma invisibilidade no nível do enunciado, mas no nível da enunciação o quadro foi totalmente alterado, assim como o texto, sendo possível visualizar tais alterações quando os textos são tomados lado a lado.

Tal contextualização é importante para este trabalho, porque as noções de enunciado e enunciação, visibilidade e invisibilidade estão fortemente interligadas em qualquer tipo de discussão sobre o trabalho do tradutor e o que ele “deve” ou “não deve” fazer. Nesse sentido, dadas as considerações sobre o mercado editorial e público brasileiros, é possível perceber que a tese de Venuti sobre a imposição mercadológica de fluência não se aplica no cenário brasileiro.

4 A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR À LUZ DA TEORIA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE

Neste capítulo busca-se reler a discussão apresentada por Venuti à luz de parte da teoria enunciativa de Benveniste, em especial, à luz da dupla enunciado/enunciação. Para tanto, é feito o seguinte percurso: em primeiro lugar (4.1), recolocam-se os conceitos de enunciado e enunciação para, em seguida (4.2), utilizá-los na (re)significação das ideias presentes na obra de Venuti em relação à (in)visibilidade do tradutor.

4.1 ENUNCIADO *VERSUS* ENUNCIÇÃO

É conveniente, em um primeiro momento, definir exatamente o que é a enunciação e o enunciado para Émile Benveniste. No texto “O aparelho formal da enunciação”, presente na obra *Problemas de Linguística Geral II* (1989), o conceito de enunciação é caracterizado pelo linguista de três maneiras: como um *grande processo* que “pode ser estudado sob diversos aspectos” (BENVENISTE, 1989, p. 82), e que “enquanto realização individual [...] pode se definir em relação à língua, como um processo de apropriação” (ibidem, p. 84); como um *mecanismo* “total e constante que, de uma maneira ou outra, afeta a língua inteira” (ibidem, p. 82); e, finalmente, como um *ato* “de produzir um enunciado” (ibidem, p. 82). No entanto, o linguista julga ser importante definir de maneira explícita o conceito, algo que acontece poucas vezes em sua obra (cf. Flores, 2013, p. 163), afirmando: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (ibidem, p. 82).

Émile Benveniste explica que há diversos aspectos sob os quais pode-se estudar a enunciação, porém se detém a discorrer sobre três: o da realização vocal da língua, da semantização e do quadro formal da sua realização. Na questão do aspecto vocal são estudados os sons emitidos e percebidos, atenuando-se, na maioria das vezes, as manifestações particulares e os traços individuais da enunciação fônica, buscando-se harmonizar as

realizações em um número finito e quantificável de diferenciações. O linguista pontua que tal prática é senão aproximativa, pois ainda assim, “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais produzidos exatamente” (ibidem, p. 83). No segundo aspecto, o da semantização, Benveniste sinaliza que “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso”, e que a (trans) formação do sentido a partir da utilização de palavras, em um processo de semantização da língua, está no centro da enunciação, conduzindo à análise da significância e à teoria do signo. O terceiro aspecto refere-se a outra abordagem, de acordo com o linguista; quando a enunciação é definida pelo quadro formal de sua realização, é necessário esboçar seus caracteres formais, a partir da manifestação individual que a língua atualiza. Sendo assim, são considerados o próprio ato (no qual estão implicados locutor e alocutário), seguido pela situação de realização do mesmo (referência construída no discurso) e os instrumentos que o tornaram possível (específicos e acessórios), já discutidos no segundo capítulo deste trabalho.

O conceito de enunciado, por outro lado, é pouco explorado e pode encontrar definição a partir do conceito de enunciação, sendo possível considerá-lo o “produto” do ato, processo ou mecanismo da enunciação. De acordo com o linguista, o texto do enunciado “que é o nosso objeto” (ibidem, p. 82).

Em “A forma e o sentido na linguagem” (1989), Benveniste apresenta as limitações do enunciado, pondo que há uma certa liberdade quanto à ideia mas, ao mesmo tempo, uma restrição quanto à forma, “que é a condição de toda a atualização da linguagem” (BENVENISTE, 1989, p. 232). Essa noção é chave para o trabalho do tradutor, que pode traduzir ou verter uma dada frase de diversas maneiras, mas tem restrições devido às diferenças de sistemas linguísticos com que trabalha.

Em entrevista para Guy Damur, no texto *Esta linguagem que faz história*, capítulo 2 do Problemas de Linguística Geral II, Benveniste discorre sobre como um enunciado é composto:

Nós fazemos duas coisas quando falamos: agenciamos palavras, todos os elementos destes agenciamentos representam cada um uma escolha entre várias possibilidades; quando digo “eu sou”, eliminei “você é”, “eu era”, “eu serei”, etc. É, pois, numa série que se chama paradigma, uma forma que escolhi, e assim para cada porção de um enunciado que se constitui em *sintagma*. (BENVENISTE, 1989, p. 32, grifos meus)

É possível, então, sintetizar a relação das definições de enunciação e enunciado da seguinte forma: o locutor, a partir da enunciação, deste colocar a língua em funcionamento, transforma a língua em discurso, através do “agenciamento de formas e sentidos” (FLORES, 2013, p. 164), de palavras e sintagmas, formando sentido em um enunciado. Em “A forma e o

sentido na linguagem”, capítulo do *Problemas de Linguística Geral II* (1989), Benveniste fala sobre o sentido da frase, explicando os *elementos* de um enunciado

é de fato a *idéia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. (ibidem, p. 230)

Sendo assim, a língua é apenas possibilidade antes da enunciação; é a partir do agenciamento das palavras, considerando um dado quadro formal, com sentidos e circunstâncias específicas, que a língua é efetuada em uma instância de discurso, resultando em um enunciado. No caso deste trabalho, o resultado é um enunciado escrito por um tradutor, que atinge um ouvinte/leitor desconhecedor da língua de partida do enunciado de partida, suscitando “uma outra enunciação de retorno” (ibidem, p. 83-84).

4.2 O TRADUTOR VISÍVEL/INVISÍVEL NO ENUNCIADO OU NA ENUNCIÇÃO?

A partir da apresentação dos conceitos de enunciado e enunciação é possível repensar o conceito de invisibilidade. Quando consideramos a enunciação, é impossível conceber que uma tradução tente ser o texto original, através de uma estratégia domesticadora; a interpretação do tradutor, a sua luta com os diferentes sistemas linguísticos, o contexto, e a diferença de público-alvo tornam a tradução um texto totalmente diferente do original. Venuti cita uma entrevista do tradutor Norman Shapiro, conduzida por Dennis Kratz em 1986 onde o tradutor relata tentar manter-se “fiel ao texto base de maneira que minha própria personalidade não apareça” (Kratz apud Venuti, 1995, p. 8). É inconcebível que uma tradução não apresente a personalidade de seu tradutor; o processo de (re)enunciação pela qual o tradutor passa reflete diretamente as suas escolhas e preferências pessoais, a sua experiência com a linguagem. Ele está, a cada enunciado, escolhendo cada palavra, teorizando sobre sua prática e inscrevendo a sua personalidade, ainda que inconscientemente.

Um dos *locus* mais especiais para entender o processo de enunciação de um tradutor é o paratexto, pois podemos adentrar na experiência dele, entender suas intenções e convicções para com o projeto de tradução. É uma das maneiras de seguir a orientação de Venuti (1995), de ler “uma tradução como uma tradução, refletindo nas suas condições” (p. 312). A tradutora Emily Wilson coloca de uma maneira simples, em sua nota de tradução da obra *Odisseia* de Homero, o trabalho da re(enunciação) de um texto, afirmando ter levado “muito a sério a tarefa

de entender a linguagem do texto original o mais profundamente possível e trabalhar com o que Homero pode ter significado na Grécia arcaica e clássica”; após, a tradutora explica as suas intenções para com o enunciado: “também levei a sério a tarefa de criar um texto em inglês novo e coerente, que transmita algo desse entendimento, mas opere dentro de um contexto cultural totalmente diferente”³² (WILSON, 2017, p. 86-87).

Ainda que cada escolha de palavra, cada inversão sintática, cada explicação que o tradutor inscreva no texto não fique visível para o leitor no nível do enunciado, pois este, na maioria das vezes, não tem acesso ao texto de partida, não quer dizer que o tradutor não está presente naquele texto. O tradutor (re)enunciou aquele texto e sua visibilidade é inevitável para os que cotejam ambas as obras. De acordo com Wilson, tradutores têm

a responsabilidade de reconhecer seu poder de agenciamento e de lutar, de maneira explícita e consciente, não apenas com os múltiplos significados do original em sua própria cultura, mas também com o que seu próprio texto pode significar e os efeitos que ele pode ter sobre seus leitores. (ibidem, p. 88)³³

O debate que Venuti iniciou sobre a invisibilidade do tradutor traz grandes pontos sobre a avaliação do trabalho, sobre a remuneração, sobre os direitos de *copyright* e muitas outras colocações bastante relevantes para o trabalho do tradutor. No entanto, parece que Venuti elenca a fidelidade à tradução em si antes da fidelidade com o seu público. Não é tema de preocupação do autor a recepção, a identificação, o debate com o leitor daquela tradução. Pouco lhe importa a opinião dos leitores, apenas a da academia e da crítica literária. É aqui que a enunciação entra e proporciona uma reflexão sobre o processo de tradução: um *eu* tradutor escreve para um *tu* público-alvo um texto de partida *ele*, em um momento singular e de maneira única.

Wilson declara em sua nota as responsabilidades que julgou ao realizar sua tradução:

Ao longo do meu trabalho nesta tradução, pensei muito nas minhas diferentes responsabilidades: com o texto original; com meus leitores; com necessidade de fazer sentido; com o desejo de questionar tudo; com a ficção, mito e verdade; com as exigências do ritmo e com o estrondo do som; com os pés que precisam dar cinco trotes cuidadosos, e com a história que precisa galopar

³² No original: “I have taken very seriously the task of understanding the language of the original text as deeply as I can, and working through what Homer may have meant in archaic and classical Greece. I have also taken seriously the task of creating a new and coherent English text, which conveys something of that understanding but operates within an entirely different cultural context.”

³³ No original: “A translator has a responsibility to acknowledge her own agency and to wrestle, in explicit and conscious ways, not only with the multiple meanings of the original in its own culture but also with what her own text may mean, and the effects it may have on its readers.”

em seu caminho. Tenho tido consciência constante das lacunas e impossibilidades, ao escutar o Homero da Grécia arcaica para o mundo anglófono contemporâneo, à medida que teci, desfiz e teci novamente o tecido dessa complexa teia (ibidem, p. 90)³⁴.

Tal passagem vai de encontro com o que Venuti declara ao fim do primeiro capítulo de seu livro: ele clama que traduções sejam praticadas e estudadas como um *locus de diferença* (p. 42), para que não sejam tratadas como o original. No entanto, a proposta do autor de tornar o enunciado o *locus* dessa diferença faz com que o leitor seja deixado de lado, priorizando o texto da tradução e não o seu público-alvo. O processo de enunciação sempre será o *locus* suscitado por Venuti, ainda que apenas descaradamente visualizado por aqueles que cotejarem os dois textos. Todo enunciado tem as marcas da sua enunciação (Nunes e Flores, 2013), ainda que, no caso da tradução, a maioria dos leitores não consiga visualizar essas marcas por ter acesso apenas ao primeiro.

³⁴ No original: “Throughout my work on this translation, I have thought hard about my different responsibilities: to the original text; to my readers; to the need to make sense; to the urge to question everything; to fiction, myth, and truth; to the demands of rhythm and the rumble of sound; to the feet that need to step in five carefully trotting paces, and the story that needs to canter on its way. I have been aware, constantly, of gaps and impossibilities in providing escort to Homer from archaic Greece to the contemporary anglophone world, as I have woven, unwoven, and woven up again the fabric of this complex web.”

CONCLUSÕES

Venuti iniciou em 1995 uma discussão muito importante que irá reverberar para sempre nos Estudos da Tradução, a da (in)visibilidade de tradutor, que pode ser visualizada de diversos ângulos, como o da ética, dos direitos autorais, da geopolítica e da antropologia. Neste trabalho buscamos explorar a questão a partir da teoria de enunciação de Benveniste, que considera um falante único, que sempre é estabelecido em relação a um alocutário, ambos são influenciados pelo momento e lugar que estão falando sobre um elemento comum a eles. Essa visão proporciona ir além do enunciado que os envolve e adicionar à reflexão considerações importantes de cada um desses índices, que permitem uma análise mais complexa de uma dada tradução.

Através da análise de pesquisas, entrevistas, paratextos e resenhas, buscamos uma reflexão da práxis tradutória que vai além do que está dito no texto da própria tradução. Esses locais de fala do tradutor fornecem um *corpus* muito rico, que oportuniza que analisemos e entendamos uma dada tradução de maneira totalmente diferente do que se apenas visualizássemos o texto de partida e o texto traduzido. Alguns tradutores, nesses textos, até “acreditam” que são invisíveis e que deixam marcas mínimas em suas traduções. Isso é uma ilusão que o leitor dessa tradução pode passar, quando tem apenas a possibilidade de leitura do produto. No entanto, aqueles que conseguem visualizar o texto de partida, a tradução e outros elementos providenciados pelo tradutor, conseguem perceber sem sombra de dúvida que o tradutor deixa sua marca em cada palavra que traduz, em cada micro e macro decisão que toma durante uma tradução.

Essa ilusão de invisibilidade por parte dos próprios tradutores pode até refletir em uma falta de formação e discussão de teorias de linguagem, mas uma coisa é certa: ainda que não tenham uma teoria de linguagem em que “acreditem”, todo tradutor imprime em seu texto as suas convicções linguísticas e éticas, seja, por vezes, a utilização do vocábulo “estadunidense” em seu texto, em vez de “americano”, seja na decisão de não seguir o sistema rítmico de uma poesia por ser preferível uma métrica que funciona melhor no português. Cada decisão que tomamos reflete da nossa identidade, nossas convicções e esperanças. Acreditar que o significado é transparente e apenas resgatável significaria que todo livro precisaria ter apenas uma única tradução para cada língua, e todos sabemos que isso está extremamente desconexo com a realidade.

Cada tradutor é um *eu*, que escreve um *ele* para um *tu*, sempre produto de seu *aqui* e *agora*. A não percepção de sua marcação em um enunciado não significa que ele está se

autoaniquilando, e sim que está buscando o que é melhor para aquele leitor naquele momento. As sugestões de Venuti não estão completamente equivocadas, mas precisam ser adaptadas a cada situação: se uma tradutora desejar traduzir Shakespeare com as gírias de hoje, que traduza! Se outro desejar renderizar uma versão do mesmo livro com uma variante da língua portuguesa do século XV, que traduza! Essas são apenas duas das opções que os tradutores podem tomar, sempre de acordo com cada projeto. No entanto, sugerir que a estrangeirização é a forma mais adequada de traduzir todos os textos do mundo é bastante leviano e também excludente das populações menos escolarizadas.

O tradutor ocupa uma posição de mediador, e é isso que extraímos da leitura de Venuti à luz de Benveniste. Nenhuma tradução é automática o suficiente pra decidirmos por uma única estratégia para o texto todo. O que realmente importa no fim das contas é que precisaremos tomar decisões, e quanto mais empoderadas essas forem, quanto mais pudermos refletir e explorar as consequências, melhor essa tradução será e melhor nos sentiremos sobre o trabalho feito. O leitor comum não verá a nossa “briga” com os diversos sentidos de um texto, nem as três horas de pesquisa que fizemos para encontrar a tradução de uma palavra; apenas nós saberemos de toda a dificuldade passada para traduzir um resumo acadêmico de 300 palavras. E tudo bem, porque todas as palavras que aquele leitor leu antes de fazer uma resenha daquele livro foi escrita por nós. Ela saiu da nossa interpretação única e das nossas teorizações. Nós tornamos possível que ele tenha gostado tanto da obra que a elegeu como seu livro favorito. O tradutor é a ponte (cada uma do seu jeito) que conecta dois mundos; alguns leitores irão perceber se é uma ponte de madeira, de metal ou de concreto; outros apenas apreciarão a vista.

REFERÊNCIAS

- ALHANATI, Yuri. F. Scott Fitzgerald – O Grande Gatsby (The Great Gatsby). *Livrada*, 4 dez. 2021. Disponível em: <https://livrada.com.br/2011/12/04/f-scott-fitzgerald-o-grande-gatsby-the-great-gatsby/>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. *Tradução & perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- ARROJO, Rosemary. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. *Trabalhos em linguística aplicada*, v. 19, n. 1, p. 57-73, 1992.
- ARROJO, Rosemary. Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. *Cadernos de tradução*, UFSC, v. 1, n. 1, p. 53-69, 1996.
- ARROJO, Rosemary. The "Death" of the Author and the Limits of the Translator's Visibility. *Benjamin's Translation Library*, v. 20, p. 21-32, 1997.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria e a prática*. São Paulo: Ática, 1986. Princípios, v. 74.
- ARROJO, Rosemary. O tradutor "invisível" por ele mesmo: Paulo Henriques Britto entre a humildade e a onipotência. *Trabalhos em linguística aplicada*, v. 36, p. 159-195, 2000.
- BENDER, Ivo. Introdução. In: DICKINSON, Emily. *Poemas escolhidos*. Tradução de Ivo Bender. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 9-13.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 1995. 387 p.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de: Eduardo Guimarães et al. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2006. 294 p."
- BRITO, Cristiane Carvalho de Paula. O discurso que (re)vela o tradutor. *Trabalhos em linguística aplicada*, v. 49, n. 1, p. 53-67, 2010.
- BOTTMAN, Denise. *Não gosto de plágio*. 2010. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2010/12/coloquio-de-traducao-na-unimep-autoria.html>. Acesso em: 09 mar. 2022.
- CECONI, Thiane; FLORES, Valdir. O discurso prefacial de tradutores: um estudo enunciativo. *Revista Gatilho*, v. 18, n. 1, p. 32-52, 2019.
- CECONI, Thiane. A tradução como fenômeno intersubjetivo. XXXIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2021.
- DE FREITAS, Luana Ferreira. Visibilidade problemática em Venuti. *Cadernos de tradução*, v. 2, n. 12, p. 55-63, 2003.
- DE FREITAS, Luana Ferreira. Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti. *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 21, p. 95-107, 2008.

DE LIMA REYS, Bianca; BRISOLARA, Valéria. Entre a tradução e a escrita: reflexões sobre a domesticação, a visibilidade, a ética e a construção autoral do tradutor. *Letrônica*, v. 12, n. 1, p. 32-103, 2019.

DE OLIVEIRA, Nelson. Crítica/Romance. "O Grande Gatsby" cria retrato amargo do sonho americano. *Folha de São Paulo Ilustrada*, São Paulo, 08 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0810201120.htm>. Acesso em: 22 jul. 2020.

DOS SANTOS, Sheila Maria; ROMANELLI, Sergio. Sobre a (in)visibilidade do escritor-tradutor: Em busca de Mario Quintana e Fernando Py. *Letras & Letras*, v. 32, n. 1, p. 267-282, 2016.

FERREIRA, Ana Luiza. Resenha: O Grande Gatsby - F. Scott Fitzgerald. *Mademoiselle Loves Books*, 2020. Disponível em: <https://www.mademoisellelovesbooks.com/2020/02/resenha-grande-gatsby-f-scott-fitzgerald.html>. Acesso em: 22 jul. 2020

FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 34, p. 395-417, 2018.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir; HOFF, Sara Luiza. Os tradutores e a tradução: o paratexto como lugar de reflexão sobre o sentido na linguagem/translators and translation: the paratext as a place of reflection on sense in language. *Revista ECOS*, v. 25, n. 2, 2018.

FRANCISCO, Reginaldo. Prefácio. In: BERTELLI, L. *O diário de Gian Burrasca*. Tradução de Reginaldo Francisco. São Paulo: Autêntica. 2011. p. 7-10.

GRAVES, Robert. Foreword. In: TRANQUILLUS, Gaius Suetonius. *The Twelve Caesars*. Traduzido por Robert Graves. Rosetta Books: Nova York. 2014.

HAINZENREDER, Larissa Schmitz. Princípios para a construção de um Dispositivo Enunciativo de Estudo do Processo Tradutório. In: Salão de Iniciação Científica, 25., 2013, Porto Alegre. *XXV Salão de Iniciação Científica - 2013*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

HATTNER, Álvaro L. Tradução e identidade: o tradutor como transmorfo. *Letras*, n. 8, p. 31-37, 1994.

HOFF, Sara Luiza. A ambiguidade e a tradução inversa: um estudo enunciativo. In: Salão de Iniciação Científica, 28., 2016, Porto Alegre. *XXVIII Salão de Iniciação Científica - 2016*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

HOFF, Sara Luiza. *A nota "la traduction, la langue et l'intelligence": o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/185967>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LEITE, Marli Quadros. Apresentação à edição brasileira. In: COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. Tradução de Marli Quadros Leite e Jaqueline León. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-12.

MITTMANN, Solange. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

NETTO, Angela Derlise Stübe. “Traduzir é preciso”: reflexões sobre a tarefa do tradutor. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 1, p. 20-34, 2008.

NUNES, Paula Ávila. *A prática tradutória em contexto de ensino (re) vista pela ótica enunciativa*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55982>. Acesso em: 23 jun. 2020.

NUNES, Paula Ávila. Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação: notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução. *Tradterm*, v. 18, p. 9-27, 2011.

NUNES, Paula Ávila. O tradutor como função enunciativa: uma análise de autotradução. *Domínios de Lingu@gem*, v. 5, n. 3, p. 52-73, 2008.

NUNES, Paula Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento. A especificidade da enunciação escrita em textos acadêmicos. *Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 235-252, 2012.

OLIVEIRA, Denise Vallerius de. Da escrita divina ao lugar do imaginário: O desejo da invisibilidade nos caminhos da tradução literária. *Transfer*, v. 2, n. 1, p. 25-35, 2007.

PESSOA, Mariluce Filizola Carneiro. O paratexto e visibilidade do tradutor. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, PUCRJ, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16281@1>. Acesso: 13 jul. 2020.

PIUCCO, Narceli. Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução: algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários. *Trama*, v. 4, n. 7, p. 177-187, 2008.

PYM, Anthony. Schleiermacher and the Problem of Blendlinge. *Translation and Literature*, v. 4, n. 1, p. 5-30, 1995.

PYM, Anthony. Venuti's visibility. *Target*, v. 8, p. 165-178, 1996.

RIBEIRO, Milton. O grande Gatsby, de F. Scott Fitzgerald. *Sul21*, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://miltonribeiro.sul21.com.br/2013/06/20/o-grande-gatsby-de-f-scott-fitzgerald/>. Acesso em: 22 jul. 2020

SOUSA, Juliana P. K. de; AMORIM, Lauro M. A tradução de O Alquimista, de Paulo Coelho: O Best-Seller em Inglês. *Revista UNILAGO*, v. 9, p. 85-97, 2010.

SALES, Antonia de Jesus. Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de Vanessa Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 249 p. *Cadernos de Tradução*,

Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 298-309, maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n2p298>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BIGATON, Jaqueline Sindenski; PAULO, Gabriela Terezinha. Entrevista com André Czarnobai. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 500-509, set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p500/37408>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. *Sindicato Nacional dos Editores de Livros*. Pesquisas, s.d. Disponível em: <https://snel.org.br/pesquisas/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

STAUDINGER, Fabiana. A (in)visibilidade do tradutor na legendação: a tradução do filme *The Woods*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94349>. Acesso em: 20 jul. 2020.

STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. O vínculo entre visibilidade e responsabilidade na tradução. In: Seminário de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 48., 2000, São Paulo. *XLVIII Seminário de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. São Paulo: UNESP, 2000. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART193.pdf.

TERRALÍNGUA TRADUÇÕES. *Terralíngua Traduções*. Adequação linguística, s.d. Disponível em: <https://www.terralingua.com.br/diversos/adequacao.aspx?ln=pt>. Acesso em: 22 jul. 2020.

UNESCO. *Index Translationum*. Statistics. Disponível em: <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatlist.aspx?lg=0>. Acesso em: 07 ago. 2020.

VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility. *Criticism*, v. 28, n. 2, p. 179-212, 1986.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London and New York: Routledge, 1995.

VERISSIMO, Luis Fernando. Gatsby S.A. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 jun. 2013. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gatsby-sa-imp-,1044673>. Acesso em: 09 jul. 2020.

VILLELA, Adauto Lucio Caetano. As (in)visibilidades dos tradutores: sombra, vestígio e imagem. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269805>. Acesso em: 28 jul. 2020.

VISIT BRASIL. *Visit Brasil*. Página Inicial. Disponível em: <https://www.visitbrasil.com/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

WANDERLEY, Jorge. Traduzir A divina comédia. In: ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Inferno*. Tradução de Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010. p. 27-43.

WILSON, Emily. Translator's note. *In: HOMER. The Odyssey*. Tradução de Emily Wilson. Nova York: WW Norton & Company, 2017.